

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO E A
PERCEÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS NA ADOLESCÊNCIA**

Joana Patrícia Rodrigues Morais

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA
SAÚDE**

Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PROCESSO DE SEPARAÇÃO-INDIVIDUAÇÃO E A
PERCEÇÃO DAS PRÁTICAS PARENTAIS NA ADOLESCÊNCIA**

Joana Patrícia Rodrigues Morais

Dissertação orientada pela Professora Doutora Constança Biscaia

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica

2013

*Período de “crise” porque período de mudança,
a adolescência situa-se entre duas eras do estatuto social do ser humano:
a da dependência e protetorado, a da autonomia e independência.
E é no deslizar suave, com crescimento e adaptação harmónicos,
que a adolescência normal se define;
fazendo da crise, que angustia e deprime –
pela inquietação do desconhecido para que se tende e pela tristeza
pela perda do passado infantil –,
um desenvolvimento em que o individuo se afirme e satisfaça.*

António Coimbra de Matos (2002), *Adolescência*

À Professora Doutora Constança Biscaia, pela disponibilidade, dedicação, ajuda e por toda a sabedoria que comigo partilhou,

À Professora Esmeralda Pires que me acolheu com tanto carinho na sua casa, naquela que já foi, também, a minha casa,

A todos os adolescentes que me deixaram mergulhar em vivências tão íntimas e sem os quais este estudo não era possível,

À Inês Pinheiro, Jéssica Monteiro e Rossana Roque, por toda a amizade, pela escuta, interesse e paciência. Pelos momentos de descontração e por todas as gargalhadas, que me serenaram tanto durante este caminho,

A todos os meus amigos que, ao longo destes meses, estiveram tantas vezes no meu pensamento e tão poucas na realidade externa,

À minha família, por serem uma base tão segura, por todo o interesse e preocupação,

Ao meu sobrinho, por me fazer querer ser uma pessoa melhor e por cada sorriso que me enche o coração,

À minha irmã, pela cumplicidade e pelo amor que nos une, por nunca me deixar esquecer quem sou,

Aos meus pais, por tudo o que me proporcionaram até ao dia de hoje, pelo amor, pela educação, pelos sacrifícios, por terem sido o meu apoio e por terem acreditado em mim a cada segundo,

Ao meu David, por tudo, por todas as palavras que não consigo escrever,

O meu mais profundo e sincero, obrigada

Resumo

O presente estudo centra-se na compreensão do processo de separação-individuação na adolescência em função da percepção das práticas parentais e de algumas variáveis sociodemográficas. A investigação teve a participação de 142 adolescentes (48 do sexo masculino e 94 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos e frequentando um grau de ensino que varia entre o 7º e o 11º ano. Foi utilizado o Separation-Individuation Test of Adolescence (SITA; Levine & Saintonge, 1993) e o Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents (EMBU-A; Almeida, 2005). Foi ainda aplicado um questionário referente aos dados sociodemográficos. Assim, foram definidos três objetivos específicos: analisar as diferenças no processo de separação-individuação em função do sexo, da idade e da composição do agregado familiar dos adolescentes; analisar as diferenças na forma como os adolescentes percebem as práticas parentais em função do sexo, da idade e da composição do agregado familiar dos adolescentes; e analisar as relações entre as subescalas do SITA e as dimensões do EMBU-A. Os resultados mostram a existência de diferenças significativas na subescala Expectativas de Rejeição do SITA em função da variável género, na subescala de Ansiedade de Separação do SITA em função da variável composição do agregado familiar e na dimensão percepção de Sobreproteção Paterna do EMBU-A, em função da variável idade. Foram ainda encontradas correlações significativas entre a maioria das subescalas do SITA e do EMBU-A. Neste sentido, os resultados permitem uma reflexão sobre a forma como se desenvolve o processo de separação-individuação e a sua relação não só com a idade, género e composição do agregado familiar dos adolescentes, como também na forma como estes perceberam as práticas parentais.

Palavras-chave: Adolescência, Processo de separação-individuação, Práticas Parentais

Abstract

The present study focuses on understanding the process of separation-individuation in adolescence according to the perception of parenting behaviors and some sociodemographic data. The investigation had the participation of 142 adolescents (48 males and 94 females), aged between 14 and 17 years old and attending a teaching degree which varies between the 7th and 11th grade. It was used the Separation-Individuation Test of Adolescence (SITA; Levine & Saintonge, 1993) and the Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents (EMBU-A; Almeida, 2005). It was also used a questionnaire regarding the sociodemographic data. In this sense, there were defined three specific objectives: to analyze the differences in the process of separation-individuation on gender, age and household composition of adolescents; to analyze the differences in how adolescents perceive parenting practices behaviors based on gender, age and household composition; finally, to analyze the relationships between the subscales of SITA and dimensions of EMBU-A. The results show significant differences in the variable gender that manifest themselves in the Rejection Expectancy subscale of SITA, in the variable composition of the household, manifesting themselves in the Separation Anxiety subscale of SITA and in age variable manifesting themselves in the perception of the Paternal Overprotection of EMBU-A. There were also observed statistical significant correlations between most subscales of SITA and EMBU-A. Therefore, the results allow a reflection about the development of the separation-individuation process and his relation not only with age, gender and household composition of adolescents, but also the way the adolescents perceived parenting practices.

Keywords: Adolescence, Separation-individuation process, Parental practices

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 Revisão de literatura e enquadramento teórico.....	3
1.1. Adolescência – Crise e Evolução.....	3
1.2. O processo de separação-indivuação.....	7
1.3. Práticas parentais e suas percepções.....	14
Capítulo 2 Objetivos e Hipóteses.....	19
Capítulo 3 Metodologia.....	22
3.1. Participantes.....	22
3.2. Instrumentos de medida.....	23
3.2.1. Questionário Sociodemográfico.....	24
3.2.2. Separation-Individuation Test of Adolescence (SITA).....	24
3.2.3. Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents (EMBU-A).....	28
3.3. Procedimentos.....	30
3.4. Procedimentos Estatísticos.....	31
Capítulo 4 Resultados.....	32
4.1. Caracterização dos Resultados do SITA.....	32
4.1.1. Análise das diferenças em função das variáveis sociodemográficas.....	33
4.1.2. Relação entre as subescalas do SITA.....	35
4.2. Caracterização dos Resultados do EMBU-A.....	37
4.2.1. Análise das diferenças em função das variáveis sociodemográficas.....	38
4.2.2. Relação entre as subescalas do EMBU-A.....	40
4.3. Relação entre as subescalas do SITA e do EMBU-A.....	41
Capítulo 5 Discussão de Resultados.....	43
5.1. Análise das diferenças do SITA em função das variáveis sociodemográficas.....	43
5.2. Análise das diferenças do EMBU-A em função das variáveis sociodemográficas.....	45
5.3. Relação entre as subescalas do SITA e do EMBU-A.....	48
Capítulo 6 Conclusões.....	51
Referências Bibliográficas.....	54
Anexos	

Índice de Quadros

Quadro 1. Caracterização sociodemográfica da amostra	22
Quadro 2. Médias, desvio-padrão, Mínimos e Máximos dos resultados das subescalas do SITA.....	32
Quadro 3. Apresentação dos resultados relativos ao teste <i>Wilcoxon-Mann-Whitney</i> para a variável sexo em função das subescalas do SITA	34
Quadro 4. Apresentação dos resultados relativos ao teste <i>Wilcoxon-Mann-Whitney</i> para a variável composição do agregado familiar em função das subescalas do SITA..	35
Quadro 5. Matriz de correlações das subescalas do SITA	36
Quadro 6. Médias, desvio-padrão, mínimos e máximos dos resultados das subescalas do EMBU-A	37
Quadro 7. Apresentação dos resultados relativos ao teste <i>Kruskal-Wallis</i> para a variável idade em função das subescalas do EMBU-A	39
Quadro 8. Matriz de Correlações das Subescalas do EMBU-A.....	40
Quadro 9. Matriz de correlações das subescalas do SITA e do EMBU-A.....	41

Índice de Anexos

Anexo I – Declaração de Consentimento Informado

Anexo II – Questionário Sociodemográfico

Anexo III – Teste de Separação-Individuação para a Adolescência (SITA)

Anexo IV – Subescalas do Teste de Separação-Individuação (SITA)

Anexo V – Questionário EMBU-A

Anexo VI – Dimensões do Questionário EMBU-A

Anexo VII – *Output* da comparação múltipla das médias das ordens na dimensão Sobreproteção Paterna do EMBU-A

Introdução

A presente investigação procura contribuir para o estudo e compreensão do processo de separação-individuação na adolescência e da sua relação com a perceção que os adolescentes têm das práticas parentais. Enquanto fase de mudanças e conquistas, a adolescência é um período de desenvolvimento complexo com importantes tarefas subjacentes que se manifestam nos mais variados campos.

A situação mutável que significa a adolescência obriga a reestruturações permanentes, externas e internas, que são vividas como intrusões dentro do equilíbrio conquistado na infância e que obrigam o adolescente, no processo identitário, a tentar refugiar-se no passado, enquanto tenta simultaneamente projetar-se intensamente no futuro (Blos, 1967). Este trabalho psíquico manifesta-se numa dialética entre suportes externos – constituído pelo ambiente familiar, pais e ambiente exterior à família – e recursos internos – no qual dominam aspetos pulsionais e narcísicos (Boubli, 1999).

Assim, é normal que o jovem experiencie sentimentos de ambivalência, ao ser confrontado com duas necessidades paradoxais: por um lado, a vontade de se separar, de ser grande e onipotente e, por outro, a vontade de continuar a ver os seus desejos concedidos sem que precise de reconhecer que precisa de ajuda exterior (Fleming, 1993). Cabe aos pais estarem disponíveis para deixar o adolescente ir, mas permanecerem disponíveis para que não vá demasiado longe, demasiado cedo (Blum, 2004).

Deste modo, pretende-se analisar e estudar as implicações das perceções das práticas parentais neste segundo momento de separação-individuação que é vivido na adolescência. Para isso, recorreu-se a uma amostra de 142 adolescentes com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos e a frequentar o ensino básico e secundário, tendo sido utilizados dois instrumentos: o Separation Individuation Test of Adolescence (SITA), conceptualizado por Levine e Saintonge (1993) e o Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents, desenvolvido por Gerlsma, Arrindell, Van der Veen e Emmerlkamp (1991) e adaptado para a população portuguesa por Almeida (2005).

O presente trabalho é constituído por seis capítulos. No primeiro capítulo, é feita uma revisão de literatura e um enquadramento teórico da temática em estudo tendo em conta três pontos: a adolescência enquanto período de crise e evolução; o processo de separação-individuação; e as práticas parentais e suas perceções. No segundo capítulo, são expostos os objetivos gerais e específicos e respetivas hipóteses. O terceiro capítulo é dedicado ao desenvolvimento da metodologia da investigação, tendo em conta a amostra do estudo, os instrumentos de medida e os procedimentos de recolha de dados e estatísticos. No quarto capítulo são explorados os resultados obtidos que serão discutidos, posteriormente, no capítulo 5. Por fim, no capítulo 6 é feita uma conclusão da investigação realizada.

Capítulo 1 Revisão de literatura e enquadramento teórico

1.1. Adolescência – Crise e Evolução

A adolescência pode ser descrita como o período em que se abala o equilíbrio psíquico aparentemente estabelecido na latência. Nesta fase, vemos no adolescente diferentes tipos de manifestações: no campo pessoal e interpessoal, pela reorganização das relações com pais, amigos, consigo mesmo e com o seu corpo e no campo psicopatológico, com uma difícil fronteira entre a crise normal da adolescência e os aspetos clínicos (Coimbra de Matos, 2002). Apesar de descrita frequentemente como uma rutura dolorosa com o mundo da infância, exteriorizada por atitudes relacionais heterogéneas, contraditórias, móveis e conflituosas é de extrema importância por permitir refazer e reestruturar o que está para trás e ficou mal resolvido, com capacidades e recursos agora mais elaborados, permitindo uma construção de uma configuração psíquica característica do adulto (Houzel & Mazet, 1994).

Segundo Erikson (1968/1972), na adolescência o desenvolvimento é caracterizado pela formação de uma identidade e de um sentido de self. É neste sentido que Aberastury e Knobel (1989) referem um conjunto de condutas patológicas que são, no entanto, “síndrome normal da adolescência”: a busca de si mesmo e da identidade; a tendência grupal; a necessidade de intelectualizar e fantasiar; as crises religiosas; a deslocalização temporal; a evolução sexual manifesta; a atitude social reivindicatória; a separação progressiva dos pais; e as constantes flutuações de humor e do estado de ânimo. Esta sintomatologia é um produto da própria situação evolutiva do adolescente e surge da interação do indivíduo com o meio. Assim, se por um lado é uma fase de desenvolvimento difícil e de grande risco associado, por outro, estes conflitos são considerados naturais e esperados.

Freud (1905/2000) defendia a ideia de que a vida sexual infantil tem uma importância preponderante no jogo de transformações que ocorrem na puberdade. Nesta fase a elaboração face à libido e à excitação sexual são influenciadas pelo funcionamento hormonal maciço e levam ao desenvolvimento dos processos psíquicos. É aqui também que vão ser reatualizadas as fantasias incestuosas que, mesmo filtradas

por estruturas mais integradas, levam a um distanciamento do investimento libidinal dos pais. Assim, enfatiza não só a necessidade de separação interna dos objetos primitivos mas também o investimento em novos objetos extrafamiliares como um processo doloroso, mas essencial ao desenvolvimento.

É importante ter em conta que, de facto, em nenhum outro momento do desenvolvimento biológico acontecem transformações tão radicais, particularmente em relação ao desenvolvimento sexual e em nenhum outro momento o sujeito fica mais exposto ao meio social, começando a ser testada a consistência interna da estrutura familiar. Segundo Boubli (1999, p.127), o adolescente “tem de fazer colaborar as pulsões parciais, subordinar as zonas erógenas ao primado da zona genital, resolver o conflito nuclear que representa o complexo de Édipo e modificar os investimentos de objeto”.

Com a puberdade o individuo tem de integrar as transformações que surgem a um ritmo incrivelmente acelerado; o corpo muda no seu aspeto exterior (importante enquanto ponto de referência espacial), como representante simbólico (sendo que se pode tornar fonte de orgulho ou angústia despertando sentimentos ligados à organização fálica e ao conflito edipiano) e muda também o sentimento de identidade (com um corpo que se torna estranho ao adolescente e com o qual este não se identifica de forma segura) (Houzel & Mazet, 1994; Boubli, 1999).

De acordo com Ladame (2004), o processo de adolescer ocorre conforme emergem as modificações pubertárias, num processo elaborativo que integra o pubertário num registo sublimatório ao renunciar a satisfação pulsional imediata. Assim, o equilíbrio psíquico do adolescente dependerá das suas capacidades para mobilizar suportes identificatórios interiorizados e atualizados nas relações concretas que estabelece agora no exterior. Segundo Matos (2005) é expectável que, neste período, se encontrem comportamentos nos quais o adolescente põe em prática o corpo sexuado da puberdade. Ainda assim, estes comportamentos resumem-se muitas vezes a um exercício discrepante e assincrónico numa relação entre a maturidade biológica e a imaturidade psíquica. O autor defende ainda, que estes são jovens nos quais a fantasia, a ilusão e a imaginação se afundam perante a realidade sofrida dos atos, em consequência de uma puberdade exercida. Encontramos frequentemente aqui, uma família que não serviu de modelo de identificação e que não assegurou o conjunto de relações

necessárias ao enquadramento da complexidade das reformulações psíquicas que acompanham as transformações pubertárias.

O desequilíbrio psicológico anteriormente descrito vai ainda ser acentuado um trabalho de luto que se encontra subjacente à adolescência e que surge pelo luto renovado do objeto edipiano, pela fonte de segurança, pelo ideal do Eu, pela bissexualidade e pelo grupo (Dias & Vicente, 1984). Um destes trabalhos de luto da adolescência remete para a experiência de perda do objeto ao ter de se desprender das pessoas que foram mais influentes na sua infância e dos seus antigos prazeres (Aberastury & Knobel, 1989; Coimbra de Matos, 2002). Esta perda é uma perda real na medida em que os laços de amor que ligam o adolescente aos pais são modificados (revivendo-se uma experiência de separação) para que possa escolher livremente um objeto de amor da sua geração. E aqui, é importante referir que este amor, ao contrário do dos pais, tem de ser conquistado e que encontrá-lo não é se não reencontrá-lo uma vez que a escolha do objeto tem sempre a marca indelével do objeto do desejo e da relação da infância (Freud, 1905/2000). Acrescenta-se a isto, um reconhecimento da situação edipiana como sendo imprópria e uma renúncia ao ambiente familiar seguro e ao imago parental idealizado. Winnicott (1975) diz que a diferença entre os fantasmas da criança e os do adolescente é que, no primeiro caso existe morte e no segundo caso existe homicídio. Assim, este luto tem também uma função de defesa contra a perda objetual com a transferência da libido para substitutos parentais, por vezes diametralmente opostos em aparência aos pais.

Anna Freud (1936) refere-se ao problema da maturação fisiológica na adolescência, defendendo que as pulsões agressivas podem amplificar-se com uma brutalidade excessiva, onde o apetite se transforma em voracidade, as travessuras da latência em delinquência, os hábitos de limpeza em sujo e desordenado, a simplicidade e afinidade em tendências exibicionistas e à brutalidade. Assim, as estruturas defensivas que demonstravam estar estabelecidas de forma firme na estrutura do ego, parecem entrar em colapso. Coimbra de Matos (2002) vem, no entanto, dar-nos uma ideia mais positiva desta nova fase, defendendo que o adolescente desinveste em si porque há novos investimentos mais interessantes e importantes, centrando-se mais no que se ganha do que no que se perde. Matos (2005) considera que a agressividade adolescente pode assumir duas formas que é necessário distinguir: a agressividade que está ao serviço da relação, tratando-se de uma forma limitada, agida ou fantasiada e que tem

como objetivo o reforço do vínculo sujeito/objeto, e a violência radical, que destrói a ligação ao objeto, negando a dimensão subjetiva do outro e controlando-a totalmente.

Às tarefas anteriores, acrescenta-se o trabalho de construção de uma nova síntese identitária. Nesta procura da identidade, o adolescente passa por uma desintegração do seu sistema psicológico sendo o comportamento agido um sintoma da insuficiência na capacidade de pensar e de prever (Matos, 2005). A situação mutável que significa a adolescência obriga a reestruturações permanentes externas e internas que são vividas como intrusões dentro do equilíbrio conquistado na infância e que obrigam o adolescente, no processo identitário, a tentar refugiar-se no passado, enquanto tenta simultaneamente projetar-se intensamente no futuro (Blos, 1967).

Boubli (1999) defende que o trabalho psíquico da adolescência manifesta-se numa dialética entre suportes externos – constituído pelo ambiente familiar, pais e ambiente exterior à família – e recursos internos – no qual dominam aspetos pulsionais e narcísicos. Assim, serão as capacidades para mobilizar os suportes indetificatórios interiorizados/atualizados nas relações concretas exteriores que vão garantir o equilíbrio psíquico da adolescência. A propósito dos investimentos narcísicos do adolescente, Coimbra de Matos (2002) defende que, durante esta fase da adolescência, não existe apenas mudança de objeto mas também de objetivos, sendo que os interesses predominantemente narcísicos, característicos da infância, transformam-se em interesses sociais e de grupo que marcam a vida do adulto.

Em suma, vemos que, nesta fase de turbulência, o adolescente vai deparar-se com as mais variadas tarefas que terá de resolver para seguir o seu caminho e viver da melhor forma a adolescência mas também, para que mais tarde, cumpra o seu papel no mundo dos adultos. Como foi descrito, é aqui que o adolescente vai ter de reconhecer e usufruir do corpo erótico, mudar não só de objetos como também de objetivos, trabalhar na construção de uma nova síntese identitária e pensar, por um lado o problema da morte, por outro, o sentido da vida.

1.2. O processo de separação-individuação

*Um dos problemas centrais da adolescência
é a construção da sua autonomia
e em primeiro lugar a autonomia afetiva,
como ponto de partida para todas as outras.*

Manuel Matos (2005), Adolescência, Representação e Psicanálise

Segundo Coimbra de Matos (2002), a adolescência caracteriza-se pela perda dos pais na sua função parental e de primeiros objetos de amor e identificação, para a sua conquista como parceiros mais velhos, e pela escolha do par amoroso ou parceiro sexual como objeto de sexualidade adulta e do amor oblato. É a reedição do Complexo de Édipo que faz com que o adolescente necessite reviver algumas situações primitivas com os pais ao mesmo que tempo se separa e diferencia das suas imagens internalizadas através de um trabalho psíquico (Levandowsky, Piccinini e Lopes, 2009). Segundo Marcelli (2000/2002), é na adolescência que se dá a separação definitiva entre as representações internas do objeto de necessidade e do objeto de desejo, num movimento que fecha o que foi começado com o conflito edipiano e que ficou em suspenso durante o período da latência.

Assim, para que haja uma mudança do objeto protetor e incestuoso (anaclítico e edipiano) para o objeto contemporâneo (escolhido e exogâmico) é necessária a presença internalizada de boas imagens parentais, com papéis bem definidos e uma cena primária amorosa e criativa (Coimbra de Matos, 2002). Só assim, poderá haver uma passagem à maturidade e o exercício da genitalidade num plano adulto (Blos, 1962/1998).

Blos (1962/1998) caracteriza a adolescência como um processo psicológico revestido por fases semelhantes ao processo de separação-individuação descrito por Mahler e colaboradores (1975). Mahler et al. (1975) defendia que a criança passava por

três esquemas de desenvolvimento: o estágio de autismo normal, a fase simbiótica e o processo de separação-individuação. A noção de separação-individuação foi criada a partir das suas observações empíricas e teve como objetivo definir um processo intrapsíquico que ocorre entre o 4º/5º e o 36º mês de vida. O conceito de separação remete para a saída da criança da fusão simbiótica com a mãe, de forma a promover a aquisição intrapsíquica de um sentido de desligamento e o conceito de individuação, por sua vez, indica a evolução da autonomia psíquica, surgindo a ideia de um “nascimento psicológico do indivíduo”, que leva à emergência da autonomia do eu. Assim, trata-se de dois processos estruturais diferentes, mas complementares, sendo que podem levar a formas distintas de psicopatologia se o processo de desenvolvimento for seriamente interferido dentro de uma fase particular.

Dentro do processo de separação-individuação distinguiu quatro subfases: a primeira a subfase de diferenciação é caracterizada pela diminuição da dependência corporal da mãe, até total independência), a segunda, a subfase de exploração divide-se em fase de exploração inicial – início da capacidade do bebê se separar fisicamente da mãe – e período de exploração propriamente dito – desenvolvimento nas funções autônomas, caracterizado pela locomoção livre em postura vertical). A terceira subfase, de reaproximação remete para a altura em que o bebê compreende estar destinado a separar-se da mãe, sentido por um lado o prazer do domínio e por outro a ansiedade da separação e, por fim, o desenvolvimento de complexas funções cognitivas que remete para o desenvolvimento de complexas funções cognitivas tais como fantasia, comunicação verbal e critério de realidade.

A interpretação que Blos (1962/1998) faz da adolescência é no mesmo sentido. O autor considera que é necessário que o adolescente passe por fases distintas na adolescência, contendo cada uma as suas exigências e características próprias, e que serão elaboradas por processos de diferenciação num período longo de tempo resultando numa estrutura de personalidade complexa. A primeira fase, enquadrada ainda no período da latência, é uma fase preparadora das mudanças da puberdade e onde os pais desempenham um papel regulador da autoestima. A segunda fase, a pré-adolescência, é caracterizada pela preocupação inconsciente com os órgãos sexuais, a sua função, integridade e proteção e não tanto o tema do amor e da sua realização. Um aumento quantitativo de pulsões libidinais e agressivas faz com que qualquer experiência – mesmo destituída de qualquer conotação erótica óbvia – se possa tornar sexualmente

estimulante. A adolescência inicial, à semelhança da adolescência propriamente dita, remete para uma vida emocional mais ampla e rica, numa tendência para a orientação mais dirigida para a meta e visando o crescimento numa tentativa de definição da identidade, onde as relações objetais passam para primeiro plano. Aqui, o adolescente volta-se para o objeto extrafamiliar, dando início ao processo genuíno de separação dos laços objetais antigos, ficando a libido objetal solta e livre. Para Blos (1962/1998), a disponibilidade emocional dos pais (particularmente da mãe) é um ponto importante na passagem adequada por esta fase. A adolescência propriamente dita é descrita como a fase em que a busca de relações objetais ou, inversamente, o evitamento das mesmas, mostra a evolução psicológica que está a decorrer. Esta busca de novas relações é, agora, caracterizada pela escolha o objeto heterossexual renunciando de forma irreversível o objeto incestuoso e possibilitando o abandono da posição narcísica e bissexual. Assim, é uma fase de modificações decisivas: o rompimento com os fantasmas anteriores abala a vida emocional do adolescente, mas permite que se lhe abram novos horizontes, num misto de esperança e medo. O final da adolescência representa o declínio natural no turbilhão do crescimento e é caracterizada pelos ganhos na integração social, capacidade de antecipar e fazer prognósticos, constância emocional e estabilidade da autoestima. Segundo Blos (1962/1998), os conflitos infantis não são eliminados no fim da adolescência, mas tornam-se específicos, isto é, integram-se na esfera do ego como tarefas de vida. Por fim, a pós-adolescência é descrita como uma fase intermédia, que oscila entre a adolescência e a idade adulta e na qual o adolescente é vulgarmente caracterizado como “jovem-adulto”.

Assim, se a tarefa principal da criança durante a primeira fase de separação-individuação é aprender a distinção entre Eu e não-Eu, no segundo período de separação-individuação, com a reestruturação psíquica, é formada a noção, não de Eu mas, de quem sou Eu (Blos, 1962/1998).

Geadá (1992) defende que há três pontos essenciais em comum em ambas as teorias: o primeiro remete para a urgência de mudança na estrutura psíquica de acordo com o novo ímpeto maturacional. O segundo diz respeito à maior vulnerabilidade na organização da personalidade tanto na criança como no adolescente. Por fim, a possibilidade de ocorrência de processos desviantes se os períodos forem marcados por falhas nos seus objetivos.

Marcelli e Braconnier (2005) defendem que o processo de separação-individuação vem alterar o equilíbrio entre duas dimensões que se estendem ao longo do ciclo da vida: apego *versus* separação, ou seja, vinculação *versus* autonomia, que remete para o quão seguro o jovem se sente e a preparação que tem para se separar. Fleming (2005) descreve estes dois processos como uma espiral de dupla hélice de desenvolvimento psicológico. Assim, diz existir uma interação dinâmica entre as duas necessidades, num processo que tem configurações diferentes em função das tarefas de desenvolvimento específicas da etapa do desenvolvimento em que o adolescente se encontra e que assume uma forma assimétrica em torno de um eixo central, predominando uma hélice sobre a outra. Segundo Boubli (1999), aquando reactualização da individualização, surgem conflitos entre o prazer da autonomia e a apreensão da perda dos objetos de amor primário que têm subjacente o desligamento da libido dos pais e a escolha de novos objetos.

Cabe aos pais estarem disponíveis para deixar o adolescente ir, mas permanecerem disponíveis para que não vá demasiado longe, demasiado cedo (Blum, 2004). Neste período confuso e complexo e com o treino de separação, é normal que o jovem experiencie sentimentos de ambivalência, ao ser confrontado com duas necessidades paradoxais: por um lado, a vontade de se separar, de ser grande e onipotente e, por outro, a vontade de continuar a ver os seus desejos concedidos sem que precise de reconhecer que precisa de ajuda exterior (Fleming, 1993; Smith, Calkins, Keane, Anastopoulos, & Sheldon, 2004). Neste sentido, Ferreira e Nelas (2006, p.145) descrevem o adolescente como sendo “extraordinariamente altruísta e simultaneamente fantásticamente egoísta”.

Assim, é fundamental que o adolescente se sinta ligado aos pais por um sistema vincutivo saudável para poder passar com sucesso pelo processo de separação-individuação. Se o sistema familiar não se conseguir adaptar a estas mudanças de desenvolvimento dos membros pode ficar enquistado na homeostasia da infância, bloqueando o próprio processo de desenvolvimento (Fleming, 2005). Assim, o processo de separação-individuação perde a conexão com o processo de vinculação, criando condições para a psicopatologia dos processos de desenvolvimento da adolescência e do conflito intrapsíquico (Fleming, 2005). Segundo Blos (1967), o despedir dos objetos infantis internos leva a uma “perda do Eu parental” que vai descortinar uma estrutura

egóica intacta ou com falhas dependendo da forma como decorreu o primeiro processo de separação-indivuação.

De acordo com Fleming (2005), a separação dos pais é inicialmente psicológica e, por norma, traduz-se num sentimento de desilusão em relação aos pais porque estes não ouvem, não permitem o diálogo ou não entendem. Assim, deixam de ser vistos como sábios e poderosos e perante a desilusão o jovem pode procurar modelos de referência no seu grupo de pares ou em outros adultos. Neste sentido, os pais deixam de ser a única fonte de apoio e suporte e os acontecimentos e necessidades podem ser partilhados ou preenchidos por outros significativos. No entanto, a necessidade de dependência continua a existir. Esta separação intrapsíquica e relacional com os pais vai reorganizar todas as outras mudanças de desenvolvimento, como a remodelação interna dos pais e a consolidação da autonomia e da individualidade. Os pais terão de se ajustar para encontrar novos papéis e em conjunto reequilibrar e reconstruir uma nova hierarquização do poder parental. Podemos, então, dizer que nesta fase existirá uma consolidação de níveis mais complexos e radicais de autonomia sendo que o adolescente começa a questionar o valor da dependência e da vinculação aos pais, valorizando a autonomia comportamental e manifestando novos desejos.

Assim, é nesta fase em que o sujeito fica mais exposto à cena social que surge um discurso que vai para além dos pais. O adolescente sente a necessidade de pertença e reconhecimento enquanto membro de um grupo social, ficando dependente das formas e das condições oferecidas por este (Aberastury & Knobel, 1989). Na procura de modelos de identificação e de apoio no grupo, o adolescente pode afirmar-se até por uma espécie de identidade negativa, podendo ser “um pouco como todos, apenas como alguns e só como ele mesmo” (Matos, 2005, pág. 89).

Blos (1962/1998) refere a existência de uma combinação constante entre forças regressivas e progressivas em jogo na adolescência que marcam o desinvestimento nas figuras parentais e o investimento em novos objetos libidinais. É esta rutura com os vínculos de dependência da família e a perda dos objetos infantis que vai permitir ao adolescente tornar-se membro por inteiro da sociedade, ou mais simplesmente, num membro do mundo dos adultos.

De acordo com Matos, (2005), depois da primeira infância, a adolescência é o período mais sensível da construção identitária do ser humano, sendo que o adolescente

pode nesta altura fazer identificações mais diversificadas, sob a influência de modelos que não apenas os pais. Assim, defende que é nesta altura que, ao confrontar os seus ideais primitivos (próprios de identificações primárias) com ideais mais realistas, o adolescente vê-se obrigado a reformular as representações que tem de si mesmo, dos seus pais e dos objetos formadores. O autor defende que “na adolescência, todo o edifício identitário adquirido é posto em causa” (pág. 89), sendo que o jovem vai oscilar entre a sobreavaliação e a subavaliação das suas capacidades enquanto homem ou mulher ficando, de certo modo, prisioneiro da importância de ser amado, desejado e preferido. Com a perda dos pais na sua função parental e de primeiros objetos de amor e identificação, conquista-os enquanto parceiros mais velhos e tem oportunidade de escolher o par amoroso ou parceiro sexual como objeto de sexualidade adulta e do amor oblato.

Coimbra de Matos (2002) defende que a adolescência é uma fase de mudança a nível de objetivos e interesses na qual se vai diluindo o egocentrismo infantil através do investimento em novos objetos. Assim, refere um processo evolutivo, pautado por oscilações entre investimentos narcísicos e investimentos objetais que ocorre desde a infância com base em três tarefas fundamentais: em primeiro lugar, o estabelecimento da constância do objeto (construído pela continuidade relacional com um objeto preferencial, fornecedor de prazer, que se torna um bom objeto total – descrito por Spitz (1965/1981) como segundo organizador do desenvolvimento psíquico); o desenvolvimento do autocontrolo (baseado numa vivência sustentada no tempo e transportadora de êxitos, atuando sobre o corpo, as suas funções, a realidade externa e o desejo); e, por fim, a dessexualização dos laços edípicos (com o consolidar do Supereu e a entrada no período de latência). Na adolescência, a oscilação do investimento narcísico e investimento objetal, o aproximar do outro e o assimilar das suas qualidades, tal como o contraste e a afirmação de si, ajudam na construção do pensar, do agir e da identidade própria. Segundo Marcelli (2000/2002, pág. 140) “o objeto fornecedor de bem-estar está no polo narcísico, o objeto fornecedor de prazer no polo objetal”, sendo que o adolescente sente estas necessidades, não como complementares, mas sim como opostas

Segundo Blos (1967) o sucesso ou insucesso do indivíduo na passagem do adolescente pelo processo de separação-indivuação pode ser visto na sua personalidade adulta saudável ou patológica.

Assim, a separação apresenta-se como tarefa central na adolescência, sendo vários os estudos que se têm debruçado sobre o estudo deste processo (Floyd & Stein, 1999; Gnaulati & Heine, 2001; Kins, Soenens, & Beyers, 2011, Delhaye, Kempenaers, Burton, Stoobants & Gossens, 2012) e a sua ligação com o funcionamento familiar (Smolak & Levine, 1993; McCurdy & Scherman, 1996; Lapsley & Edgerton, 2002; Levpuscek, 2006; Koepke & Denissen, 2012), que envolve uma mudança nas relações e na representação que o adolescente tem de si e dos outros estando confrontado com sentimentos de ambivalência que provem de duas necessidades paradoxais: por um lado a de separação e por outro a dependência (Fleming, 1993).

1.3. Práticas parentais e suas percepções

É a relação que sustenta a vida afetiva.

A pessoa humana é um ser de relação – ser para outro.

...

Não há vida mental sem relação de objeto.

António Coimbra de Matos (2002), Adolescência

A criação de ligações afetivas é uma necessidade primária básica como meio de assegurar a segurança e a proteção dos seres humanos. Assim, se a vinculação serve como resposta a esta necessidade primária, surge outra necessidade igualmente importante: a individuação, a criação de uma identidade própria, não se fundindo ou confundido com o outro a quem está vinculado. Na criança, o sentimento de segurança e confiança no outro é imprescindível para que haja uma internalização da constância do objeto e é com base nisto que a criança se sentirá capaz de ter comportamentos de exploração – os sentimentos de autoconfiança permitem uma separação e afastamento físico dos pais, os objetos de vinculação, que continuam presentes enquanto “pais internos” mesmo na ausência (Fleming, 2005).

Como foi já descrito, com esta descoberta da mente materna, do seu próprio self e do mundo à sua volta inicia-se o processo de separação-individuação. Segundo Smolak e Levine (1993), dificuldades do no processo de separação-individuação nos adolescentes podem estar ligadas a distúrbios no funcionamento familiar, a vínculos que não foram sólidos para a criança por não terem transmitido atenção, conforto, consolo, segurança e proteção. Assim, se por um lado os pais devem assegurar a tarefa da vinculação, são também estes os agentes responsáveis pelo incentivo à separação e à individuação (Fleming, 2005).

Para Erikson (1968/1972), a adolescência pode ser vista como um período de desenvolvimento cujas tarefas passam pela formação de uma identidade e de um sentido de self que se encontra intrinsecamente ligado aos laços familiares, que são nesta altura redefinidos. Através de diferentes pistas que passam aos filhos (como aceitação,

rejeição ou reforço), os pais podem ser consideradas as figuras com maior impacto na formação no sentido de self, mas também no sentimento de valor pessoal de cada um (Rosenberg, 1965), sendo essencial que o jovem tenha um vínculo seguro com a figura de vinculação para aprender a pensar por si próprio e a cuidar de si (Fleming, 2005).

Segundo Youniss & Smollar (1985) uma das alterações mais importantes que ocorre neste período, no contexto familiar, é a transição de uma autoridade unilateral – característica da infância – para uma autoridade mútua, em que o jovem partilha com os pais os processos de tomada de decisão, esforçando-se para adquirir maior autonomia no que diz respeito ao seu próprio comportamento. A esta renegociação de autoridade e controlo, juntam-se transformações biológicas, sociais, cognitivas e identitárias que, sendo características desta fase, contribuem para a alteração dos padrões de relação na família e para um potencial aumento da conflitualidade entre adolescentes e progenitores.

Baumrind (1966) defende que a autonomia na adolescência é fomentada por atitudes parentais que conjuguem simultaneamente a definição clara de limites e regras acerca do comportamento e uma relação calorosa e de aceitação. O seu modelo teórico sobre os Estilos Parentais representa um marco nos estudos que têm sido feitos acerca da interação entre filhos, pais e respetiva educação parental, tendo dado a base para um novo conceito de estilos parentais que integra aspetos emocionais e comportamentais. Embora tenha sido alvo tanto de críticas (Lewis, 1981) como de revisões (Maccoby & Martin, 1983), a sua tipologia é uma das conceptualizações de estilos parentais mais estudadas. Assim, os Estilos Parentais representam um conjunto de atitudes e manifestações dos pais em relação aos filhos que caracterizam a natureza da interação entre eles, remetendo para avaliações qualitativas de situações variadas mas que envolvem padrões de controlo e afetividade pelos pais, face a situações de disciplina, hierarquia e tomada de decisão (Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002 cit. por Oliveira, 2004).

Baumrind (1966) distinguiu três estilos parentais: autoritário, autoritativo e permissivo. O primeiro, o estilo parental autoritário, refere-se a uma postura de controlo e imposição por parte dos pais através de abordagens diretas e impositivas, existindo uma valorização exacerbada da ordem e das normas por pais que exigem demasiado, monopolizando a tomada de decisão. Os pais autoritários combinam características de

elevado controlo e baixos níveis de afetividade, demonstrando-se muito exigentes, rígidos, hostis e pouco responsivos. O estilo parental autoritativo remete para a existência de uma autoridade parental que é, no entanto, mais flexível. Apesar de existir uma hierarquia e limites bem definidos, os pais estão mais atentos às necessidades e à individuação do adolescente, existindo capacidade tanto para diálogo como para negociação. Estes pais estão centrados quer na relação, quer na socialização e desenvolvimento dos filhos. Por fim, o estilo parental permissivo é caracterizado por pais que exigem muito pouco dos filhos, criando um clima aceitante, não punitivo e recetivo perante os desejos e ações do jovem. Estes pais vêm-se mais como um recurso para a realização dos desejos do adolescente do que como um modelo ou agente responsável por regular o seu comportamento. Em 1983, Maccoby e Martin reorganizam os estilos anteriormente definidos segundo dimensões de exigência e responsividade, tendo subdividido o estilo permissivo em dois: o estilo permissivo propriamente dito e como já descrito anteriormente, e o estilo negligente, caracterizado por pais pouco exigentes e responsivos que tendem a orientar-se para o evitamento de inconvenientes associados aos pedidos imediatos dos filhos, apresentando pouco afeto e envolvimento.

Darling & Steinberg (1993) realizaram uma revisão histórica do conceito de Estilo Parental e debruçaram-se sobre questões como "Qual a melhor forma de educar os filhos?" ou "Quais são as implicações que diferentes modelos educativos podem ter no desenvolvimento das crianças e dos jovens?", fazendo a distinção entre dois constructos fundamentais: o de práticas parentais e o de estilos educativos parentais.

As práticas parentais correspondem às ações que são manifestadas pelas figuras parentais perante os seus filhos com o objetivo de promover o seu desenvolvimento da forma mais estável possível, podendo ser descritas como os comportamentos que pai e mãe apresentam no processo de educação e socialização dos filhos, tratando-se de atitudes face ao comportamento do jovem. (Darling & Steinberg, 1993; Salvador & Weber, 2005; Piccinini, Frizzo, Alvarenga, Lopes & Tudge, 2007).

As representações destas mesmas práticas são, então, construídas com base nas interações experienciadas no contexto familiar e vão influenciar a forma como a criança, e mais tarde o adolescente, interpreta a realidade e interage com ela (Custódio & Cruz, 2008), estando associadas a diversos indicadores de desenvolvimento

psicológico e comportamental como a autoestima, autoconfiança, sociabilidade, depressão, ansiedade, competências interpessoais, comportamentos agressivos e desempenho acadêmico (Kobarg, Vieira & Vieira, 2010).

Segundo Darling & Steinberg (1993), os estilos educativos parentais remetem para um conjunto de atitudes gerais dos pais para com o filho adolescente, definindo de uma forma mais genérica o clima emocional onde se expressam as várias práticas. Desta forma, os estilos educativos parentais incluem não só as práticas parentais mas também outros aspetos da interação pais-adolescente, como por exemplo, o tom de voz, a linguagem corporal, a atenção dada ou as mudanças de humor.

As representações das práticas parentais, ao funcionarem como mapa interno, vão permitir que o jovem antecipe as respostas dos outros usando essa informação para guiar o seu comportamento nos mais diversos contextos (Custódio & Cruz, 2008, Niec & Russ, 2002; Solomonica-Levi, Yirmiya, Erel, Samet & Oppenheim, 2001). Assim, a qualidade do vínculo entre a criança e a figura cuidadora primária está profundamente implicada no seu desenvolvimento e ajustamento psicológico na medida em que pode representar um fator de proteção – promovendo um sentimento de segurança e autoestima, concorrendo para o bem-estar global – ou um fator de risco – gerador de condições adversas que implicam sofrimento (Canavarro, 1999).

Durante a adolescência, as fronteiras têm um lugar importante na relação entre pais e filhos. Fronteiras claras e flexíveis representam uma hierarquia geracional que não só é esperada como tem uma grande importância no desenvolvimento saudável dos jovens (Minuchin, 1967). Estas fronteiras devem refletir os pais enquanto figuras de autoridade e de cuidados, permitindo uma ligação contínua entre ambos e promovendo o desenvolvimento e a individuação. Assim, os pais devem proporcionar proteção, conforto, orientação e a separação do adolescente, uma vez que só num ambiente familiar que sustenta tais relações e limites, a criança e mais tarde o jovem, pode aprender a identificar-se com o papel de adulto (Boszormenyi-Nagy & Spark, 1973). Durante esta fase de transição é importante que os pais continuem a ser percebidos pelos filhos como os agentes provedores de apoio emocional, instrumental e informacional, sendo que a sua intervenção vai ser fulcral para o sucesso das diversas tarefas desenvolvimentais (Pereira, Canavarro, Cardoso & Mendonça, 2009).

Várias são as investigações que se têm focado na forma como o adolescente percebe as práticas parentais e no impacto que isso tem no seu desenvolvimento. Segundo a literatura, jovens que percebem os pais como fontes de aceitação, aprovação e suporte apresentam níveis mais elevados de autoestima, competência, resiliência, autonomia, bem-estar e ajustamento psicológico, e níveis mais baixos de depressão e comportamentos delinquentes (Buri, 1991; Grolnick, Ryan & Deci, 1991; Grolnick, 2003; Masten, Burt, Roisman, Obradović, Long & Tellegen, 2004).

Por outro lado, jovens que perceberam os pais como figuras intrusivas, que usam estratégias manipuladoras (como a indução de culpa, vergonha e cujo o amor não foi sentido como incondicional) na esperança de manterem os filhos mais perto física e emocionalmente fazem com que estes sintam um maior medo de abandono e de perda, depressão e ansiedade, sendo mais dependentes dos que os rodeiam (Barber, 1996; Soenens & Vansteenkiste, 2010; Wood, 2006).

Capítulo 2 Objetivos e Hipóteses

A presente investigação pretende contribuir para o estudo e compreensão do processo de separação-indivuação na adolescência e a sua relação com a perceção que os adolescentes têm das práticas parentais, tendo em conta que as dificuldades que os adolescentes experienciam ao longo do processo de separação-indivuação podem estar ligadas a distúrbios no funcionamento familiar e a vínculos que não foram sentidos como suficientemente sólidos por não terem transmitido atenção, conforto, consolo, segurança e proteção (Smolak e Levine, 1993).

Desta forma, foi estabelecida como variável dependente o processo de separação-indivuação na adolescência (nas subescalas Práticas de Espelho, Negação da Dependência, Ansiedade de Separação, Aproximação a Pares, Ansiedade de Aproximação, Procura de Cuidados, Aproximação a Professores, Separação Saudável, e Expectativa de Rejeição) e como variáveis independentes a perceção das práticas parentais (nas dimensões de Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção), idade, sexo e agregado familiar.

Objetivo geral: Compreender o processo de separação-indivuação vivido pelos adolescentes e a sua relação com a perceção das práticas parentais.

Objetivo específico 1: Analisar as diferenças no processo de separação-indivuação em função do sexo, da idade e da composição do agregado familiar dos adolescentes.

Hipótese 1: Existem diferenças significativas no processo de separação-indivuação em função do sexo, tendo os sujeitos do sexo masculino resultados mais elevados nas subescalas Ansiedade de Separação e Expectativas de Rejeição.

Hipótese 2: Existem diferenças significativas nas subescalas Ansiedade de Separação, Aproximação a Pares e Práticas de Espelho em função da idade dos adolescentes.

Hipótese 3: Existem diferenças significativas quanto ao processo de separação-individuação em adolescentes que vivem com ambos os progenitores e os que vivem só com um progenitor, sendo que os que vivem só ambos os pais apresentam resultados mais elevados nas subescalas Aproximação a Pares, Práticas de Espelho e Separação Saudável.

Objetivo específico 2: Analisar as diferenças na forma como os adolescentes percebem as práticas parentais em função do sexo, da idade e da composição do agregado familiar dos adolescentes.

Hipótese 4: Existem diferenças significativas em função do sexo na forma como os adolescentes percebem as práticas parentais, sendo que os rapazes apresentam resultados mais elevados em práticas de Sobreproteção e Rejeição e as raparigas em Suporte Emocional.

Hipótese 5: Existem diferenças significativas em função da idade na forma como os adolescentes percebem as práticas parentais, sendo que adolescentes mais velhos percebem os progenitores como sendo menos Sobreprotetores.

Hipótese 6: Existem diferenças significativas na forma como os adolescentes percebem as práticas parentais em função da composição do seu agregado familiar, sendo que os adolescentes que vivem com ambos os progenitores apresentam resultados mais elevados em Suporte Emocional.

Objetivo específico 3: Analisar as relações entre as subescalas do SITA e as dimensões do EMBU-A.

Hipótese 7: Existe uma correlação positiva entre os resultados no fator Suporte Emocional (EMBU-A) e as subescalas Procura de Cuidados, Aproximação a Pares, Práticas de Espelho e Separação Saudável (SITA).

Hipótese 8: Existe uma correlação positiva entre os resultados no fator Sobreproteção (EMBU-A) e as subescalas Ansiedade de Separação e Ansiedade de Aproximação (SITA).

Hipótese 9: Existe uma correlação positiva entre os resultados no fator Rejeição (EMBU-A) e as subescalas Ansiedade de Separação, Negação da Dependência e Expectativas de Rejeição (SITA).

Capítulo 3 Metodologia

3.1. Participantes

O presente estudo contou com a participação de 152 alunos de duas escolas secundárias da zona de Lisboa. Da amostra inicial, 10 alunos foram excluídos por não terem respondido a mais de 20% de pelo menos um questionário. Assim, numa amostra total de 142 participantes, 48 são do sexo masculino e 94 são do sexo feminino, o que corresponde a 33,8% e 66,2%, respetivamente.

Relativamente à idade a maioria dos adolescentes tem 16 anos (40.8%), tendo sido encontrada uma média de 15,84, sendo a idade mínima de 14 e a máxima de 17 com um desvio padrão de 0,896.

No que diz respeito à escolaridade, a maioria dos participantes encontra-se no 10º ano (54,9%). A prevalência nos restantes anos organiza-se da seguinte forma: 7º e 8º ano com 1,4%, 9º ano com 16,9% e 11º ano com 25,4%.

Quanto ao agregado familiar, a maioria dos adolescentes vive com ambos os progenitores (69%). Entre os que não vivem com ambos os pais, 28,2% vive apenas com a mãe e 1,4% vive apenas com o pai. Outras situações não especificadas têm, também, uma prevalência de 1,4%.

No quadro 1 apresentam-se as frequências das variáveis sociodemográficas da amostra.

Quadro 1. Caracterização sociodemográfica da amostra

	N	%
Sexo (n=142)		
Masculino	48	33.8
Feminino	94	66.2

Quadro 1: Continuação

	N	%
Idade (n=142)		
14	11	(7.7%)
15	37	(26.1%)
16	58	(40.8%)
17	36	(25.4%)
Escolaridade (n=142)		
7º Ano	2	1.4
8º Ano	2	1.4
9º Ano	24	16.9
10º Ano	78	54.9
11º Ano	36	25.4
Agregado Familiar (n=142)		
Vive com ambos os pais	98	69.0
Vive com a mãe	40	28.2
Vive com o pai	2	1.4
Outras situações não especificadas	2	1.4

3.2. Instrumentos de medida

Na presente investigação e de forma a estudar o processo de separação-individuação na adolescência foi utilizada a versão traduzida por Sousa, Branco e Biscaia do *Separation Test Of Adolescence (SITA)* de Levine (1993). O *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents (EMBU-A)* de Gerlsma, Arrindell, Van der Veen e Emmerlkamp (1991) adaptado para a população portuguesa por Almeida (2005) foi utilizado para analisar a forma como os adolescentes percecionam as práticas parentais. De forma complementar, foi realizado um

questionário para a caracterização da população, de onde foram recolhidos os dados sociodemográficos da amostra.

3.2.1. Questionário Sociodemográfico

Foi utilizado um questionário sociodemográfico¹ com o objetivo de caracterizar a amostra através da recolha de dados relativos aos adolescentes nas variáveis: idade, sexo, constituição do agregado familiar, estado civil dos pais e respetiva idade e escolaridade.

Os dados relativos à idade e escolaridade dos pais não foram analisados devido ao elevado número de não-respostas.

Em nenhum lugar eram pedidos dados que pudessem identificar os participantes.

3.2.2. *Separation-Individuation Test of Adolescence (SITA)*

O Teste de Separação-indivuação para a Adolescência (*Separation-Individuation Test of Adolescence*, SITA) foi desenvolvido por Levine, Green e Millon (1986) com base na perspetiva de Blos (1967), que descreveu a adolescência como sendo o segundo-processo de separação-indivuação – remetendo para as conceptualizações de Mahler (1982).

No desenvolvimento do SITA, os autores tiveram em consideração os conceitos dinâmicos do modelo de separação-indivuação de Mahler (1982), com base no pressuposto de que as fases do processo de separação-indivuação descritas pela autora podem expressar-se durante outros períodos de desenvolvimento, como é o caso da adolescência. De acordo com os autores (1986), além da teoria de Blos (1967), também

¹ Anexo II

Esman (1980), Weiner (1970, 1982) e Erikson (1968) foram facilitadores do esforço que foi feito para desenvolver um instrumento que descrevesse de forma dinâmica o processo de separação-individuação na adolescência.

Segundo Levine et al. (1986), podem ser destacados três objetivos principais para o instrumento: o primeiro objetivo é que o instrumento sirva como medida de critério externo para estudos que queiram examinar objetivamente a relação entre o processo de separação-individuação, o desenvolvimento na adolescência e a estrutura de personalidade; o segundo é assegurar que o desenvolvimento de uma boa escala, que providencie uma forma de medir as resoluções específicas das fases do processo de separação-individuação de Mahler (1982) que se voltam a tornar manifestas durante a adolescência; por fim, o terceiro objetivo passaria pela possibilidade de aplicação do instrumento num contexto clínico de forma a auxiliar a compreensão das relações interpessoais na adolescência.

Os autores basearam-se no modelo de Loevinger, (1957, cit. in Levine, Green & Miller, 1986) que compreende três tipos de validação: validação teórica substantiva (que avalia em que medida o conteúdo dos itens que constituem o instrumento derivam direta e claramente do quadro teórico postulado e o representam); validação estrutural interna (que obriga a que a relação entre os itens e as respectivas subescalas esteja de acordo com a teoria na qual o instrumento se baseia) e validação por critério externo (que requer o uso de um critério empírico objetivo que apoie a validação teórica-substantiva). Segundo Levine et al. (1986) os objetivos metodológicos de validação foram conseguidos.

Assim, a primeira versão do instrumento (1986) era constituída por 76 itens (que deviam ser respondidos numa escala de *Likert* de cinco pontos que vão de “Discordo totalmente” a “Concordo totalmente”) agrupados em sete dimensões teoricamente definidas: Separation Anxiety, Engulfment Anxiety, Need Denial, Nurturance Seeking, Enmeshment Seeking, Self-Centeredness e Healthy Separation.

A subescala de Separation Anxiety tem como objetivo descrever adolescentes com receio de perder o contacto emocional com objetos significativos, expresso sob a forma de ansiedade face à percepção de abandono ou rejeição. Avalia efeitos residuais na

adolescência da ansiedade de separação vivida na fase de reaproximação da infância precoce (Levine, Green & Millon, 1986).

A subescala de Engulfment Anxiety propõe-se medir o receio de ser controlado ou absorvido pelo outro, perdendo autonomia. Avalia efeitos residuais do medo de destruição do *self*, sentido na fase de Reaproximação do processo de separação-individuação (Levine, Green & Millon, 1986).

Na subescala Need Denial procura avaliar-se em que medida os adolescentes negam ou evitam a necessidade de dependência como defesa contra a ansiedade de separação, medindo as manifestações deste estilo defensivo. Avalia as manifestações deste estilo defensivo que surge na infância precoce (Levine, Green & Millon, 1986).

A subescala Nurturance Seeking, descreve adolescentes com fortes necessidades de ligação às figuras parentais, que antecipam gratificação dessas necessidades e avalia efeitos residuais da fase simbiótica do processo de separação-individuação (Levine, Green & Millon, 1986).

Na subescala Enmeshment Seeking é medida uma faceta da fase simbiótica de separação-individuação que se relaciona com a procura de relações interpessoais próximas ou fusionais para gratificação da dependência, supondo-se que avalia os efeitos residuais desta faceta da fase simbiótica (Levine, Green & Millon, 1986).

A subescala Self-Centeredness refere-se a altos graus de narcisismo do adolescente, frequentemente reforçados pelo elogio e admiração dos outros. Supõe-se que avalia os efeitos residuais da fase de exercitação da infância (Levine, Green & Millon, 1986).

Por fim, a escala de Healthy Separation refere-se a adolescentes que fizeram progressos importantes na resolução dos conflitos associados ao processo de separação-individuação. Supõe-se que avalia os efeitos residuais das vicissitudes da fase de consolidação da individuação na infância e a sua revivência desse processo na adolescência (Levine, Green & Millon, 1986).

Esta versão foi adaptada para a versão portuguesa por Geada (1992) que encontrou as mesmas subescalas nomeando-as: Ansiedade de Separação; Ansiedade de

Destruição; Negação da Dependência; Vinculação aos Pais, Necessidade de Simbiose; Auto-centração e Individuação.

Em 1993, Levine e Saintonge apresentam uma revisão do instrumento, descrevendo-o como sendo constituído por 86 itens distribuídos por nove subescalas: Separation Anxiety, Engulfment Anxiety, Nurturance Seeking, Peer Enmeshment, Teacher Enmeshment, Practicing-Mirroring, Need Denial, Rejection Expectancy e Healthy Separation.

Assim, a versão é apresentada com 5 subescalas diferentes da versão original. Segundo os autores (1993), a subescala Peer Enmeshment remete para a procura de relações próximas com os pares, a subescala Teacher Enmeshment para a procura de relações próximas com os professores, a subescala Practicing-Mirroring para os esforços narcisistas (numa linha semelhante à subescala Self-Centeredness da primeira versão) e a subescala Rejection Expectancy para a possibilidade de outros significativos serem sentidos como insensíveis e hostis.

Segundo os autores a versão apresentada em 1986 e a versão de 1993 diferem de três formas: em primeiro lugar, a escala Enmeshment Seeking foi dividida em Enmeshment Peer e Enmeshment Teacher. Em segundo lugar, foi criada uma nova escala, Rejection Expectancy, com 15 novos itens, derivada teoricamente de Kernberg (1975, citado por Levine e Saintonge, 1993), com características que são defendidas pelo autor como típicas das fases precoces de separação-individuação de futuros pacientes narcisistas e *borderline*. Por fim, a Escala Self-Centeredness teve o seu nome modificado para Practicing-Mirroring, de forma a melhor descrever os conceitos abrangidos e a corresponder à terminologia de Mahler usada para descrever a fase de separação-individuação para a qual esta subescala remete. Os autores encontraram um *alpha* de Cronbach acima de .70 para todas as subescalas do SITA, com exceção das subescalas Separation Anxiety (.68) e Healthy Separation (.64).

No presente estudo é utilizada a versão traduzida por Sousa, Branco e Biscaia² do *Separation-Individuation Test of Adolescence* de Levine e Saintonge (1993), cuja adaptação se encontra de momento a decorrer. Na referida tradução a terminologia usada para as nove subescalas é a seguinte: Ansiedade de Separação (Separation Anxiety), Ansiedade de Aproximação (Engulfment Anxiety), Procura de Cuidados (Nurturance Seeking), Aproximação a Pares (Peer Enmeshment), Aproximação a Professores (Teacher Enmeshment), Práticas de Espelho (Practicing-Mirroring), Negação das Necessidades (Need Denial), Expectativas de Rejeição (Rejection Expectancy) e Separação Saudável (Healthy Separation). Os resultados apontam para uma boa consistência interna (*alpha* de .85), apresentando todas as subescalas um *alpha* superior a .70, com exceção de Procura de Cuidados (.60) e Separação Saudável (.30). Assim, os resultados nestas duas subescalas terão de ser interpretados com prudência.

3.2.3. *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (*EMBU-A*)

Para avaliar a perceção das práticas parentais foi utilizado o questionário *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (*EMBU-A*)³ de Gerlsma, Arrindell, Van der Veen e Emmerlkamp (1991) adaptado para a população portuguesa por Almeida (2005).

A primeira versão do questionário – *Inventory for Assessing Memories of Parental Rearing Behaviour* – foi construída por Perris, Jacobsson, Lindstrom, Von Knorring e Perris (1980) com o objetivo de medir a frequência de ocorrência de determinadas práticas educativas durante a infância e adolescência, em relação aos pais (pai e mãe separadamente). Assim, o sujeito devia responder numa escala de *Likert* de 4 pontos (de “não, nunca” a “sim, a maior parte do tempo”) a questões que se relacionavam com a ocorrência dessas práticas. A presença dos comportamentos era avaliada por 81 itens, agrupados em 14 dimensões: Abuso, Privação, Punição, Vergonha, Rejeição,

² Anexo III

³ Anexo V

Sobreproteção, Sobreenvolvimento, Tolerância, Afeição, Orientação para o Desempenha, Indução de Culpa, Estratégias de Estimulação, Preferência em Relação aos Irmãos e Preferência dos Irmãos em Relação ao Indivíduo.

Posteriormente, a adaptação à população alemã elaborada por Arrindell, Emmelkam, Brilman e Monsma (1983, cit. in Almeida, 2005) revelou que dos 81 itens do questionário inicial, 64 estavam distribuídos por quatro dimensões distintas (Rejeição, Suporte Emocional, Sobreproteção e Preferência em Relação aos Irmãos) tendo os restantes 17 itens sido eliminados por não pertencerem a nenhum fator. A nova versão foi utilizada em catorze países diferentes, apresentando níveis satisfatórios nos resultados das análises fatoriais apenas nas três primeiras dimensões (Rejeição, Suporte Emocional e Sobreproteção). É com base nestes três fatores que, mais tarde, Arrindell et al. (1994, cit. in Almeida, 2005) elaboram uma versão reduzida com 23 itens. Esta versão foi, então, adaptada por Canavarro (1999) à população adulta portuguesa e denominada de “Memórias de Infância”, encontrando os mesmos três fatores.

Uma vez que estas versões eram apenas destinadas a adultos, Gerlsma, Arrindell, Van der Veen e Emmerlkamp (1991) desenvolvem o EMBU-A (*Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents*) constituído por 28 itens para o pai e 28 itens para a mãe que, à semelhança da versão para adultos, devem ser respondidos numa escala de 4 pontos (de “não, nunca” a “sim, a maior parte do tempo”). Esta versão foi aplicada a 841 adolescentes entre os 11 e os 16 anos de idade, tendo sido encontradas quatro dimensões: Suporte Emocional, Rejeição, Sobreproteção e Sujeito Favorito.

Em 2005, Almeida adapta esta versão à população portuguesa, tendo obtido uma consistência interna que não só é boa (com valores de *alpha* que variam entre .73 e .94), como apresenta valores mais altos que a versão original (onde foram encontrados valores que variam entre .60 e .88.). No entanto, e por se tratar de uma dimensão especificamente cultural (Almeida, 2005) a subescala Sujeito Favorito foi retirada. No presente estudo, foi obtido um *alpha* total de .75 sendo que todas as subescalas apresentam valores superiores a .70, com exceção de Suporte Emocional Paterno, cujo *alpha* é de .61.

A dimensão Suporte Emocional refere-se a práticas parentais que encorajam o filho a sentir-se bem na companhia dos pais, confirmando a ideia de que é aprovado na

sua individualidade. Relaciona-se com expressões verbais e físicas de amor e carinho, apoio emocional, aprovação e sentimentos de eficácia (Rollins & Thomas, 1979, cit. in Almeida, 2005).

A Sobreproteção remete para comportamentos parentais caracterizados por uma excessiva proteção que se torna indutora de *stress* e adversidade. Enquadram-se nesta categoria comportamentos de contacto exagerado, evitamento da independência do adolescente, elevadas expectativas, comportamentos invasivos e regras rígidas (Rollins & Thomas, 1979, cit. in Almeida, 2005).

Por fim, a Rejeição reflete práticas educativas que visam a modificação de comportamentos ou aspetos do adolescente, fazendo com que este experiencie uma pressão para se comportar de acordo com o desejo dos pais. Estes comportamentos parentais podem ser demonstrados através da aplicação de castigos ou privação de privilégios sem ter em conta a perspetiva ou as necessidades do jovem (Rollins & Thomas, 1979, cit. in Almeida, 2005).

3.3. Procedimentos

Após a devida autorização pela Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular foram contactadas duas escolas do concelho de Lisboa. A aplicação decorreu nos meses de Abril e Maio de 2013 em turmas do 8º, 9º, 10º e 11º ano.

Em primeiro lugar, foi solicitada a autorização, por escrito, aos encarregados de educação dos participantes e só posteriormente foram marcadas datas para aplicação dos questionários. Através de uma declaração de Consentimento Informado⁴, recolhida antes da aplicação e guardada em separado, foi garantido aos adolescentes o anonimato, a confidencialidade e o cariz voluntário da sua participação.

⁴ Anexo I

Desta forma, foram aplicados três questionários (Sociodemográfico, SITA e EMBU-A), com a duração total de cerca de 45 minutos, em contexto de sala de aula, com a presença da investigadora.

3.4. Procedimentos Estatísticos

De forma a analisar os dados recolhidos foi utilizado o programa estatístico IBM SPSS Statistics 21.

Em primeiro lugar, foi elaborado o cálculo dos coeficientes de Alpha de Cronbach com o objetivo de determinar a consistência interna de cada um dos instrumentos utilizados (SITA e EMBU-A).

A análise descritiva foi utilizada de forma a caracterizar os resultados obtidos no que diz respeito à determinação da média, desvio-padrão, valores mínimos e máximos bem como o cálculo de frequências e percentagens.

Para determinar a normalidade das distribuições e homogeneidade das variâncias foram utilizados os testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Uma vez que os grupos não seguiam os pressupostos de normalidade e/ou homogeneidade, recorreu-se aos testes não-paramétricos para amostras independentes de *Wilcoxon-Mann-Whitney* (para analisar as diferenças entre duas amostras independentes) e *Kruskal-Wallis* (para analisar as diferenças entre mais do que duas amostras independentes) (Maroco, 2007).

Para estudar a relação linear das variáveis foi utilizada uma medida de associação não-paramétrica bivariada, o Coeficiente de Correlação de *Spearman*, que permite obter uma medida do grau de correlação ou associação das variáveis.

Capítulo 4 Resultados

4.1. Caracterização dos Resultados do SITA

O SITA é composto por 81 itens agrupados em 9 subescalas: Práticas de Espelho, Negação de Dependência, Ansiedade de Separação, Aproximação a Pares, Ansiedade de Aproximação, Procura de Cuidados, Aproximação a Professores, Separação Saudável e Expectativas de Rejeição. Os resultados relativos às nove subescalas encontram-se no Quadro 2 onde podem ser verificadas as médias, desvio-padrão e valores mínimos e máximos das subescalas.

Quadro 2. Médias, desvio-padrão, Mínimos e Máximos dos resultados das subescalas do SITA

Subescalas	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
SITA				
Práticas de Espelho	30,04	4,91	16,67	45,33
Negação de Dependência	37,92	4,78	16,67	49,17
Ansiedade de Separação	29,91	5,82	16,43	45,00
Aproximação a Pares	21,47	6,08	11,25	36,25
Ansiedade de Aproximação	29,81	8,25	10,00	47,14
Procura de Cuidados	28,13	6,21	12,50	42,50
Aproximação a Professores	34,55	7,03	11,25	50,00
Separação Saudável	19,00	3,87	11,43	31,43
Expectativas de Rejeição	34,68	6,55	14,17	47,50

Através do Quadro 2, podemos constatar que a média das subescalas ronda os 30 pontos. Os resultados mais baixos encontram-se nas subescalas de Separação Saudável que apresenta uma média de 19 pontos, com desvio padrão de 3,87, mínimo de 11,43 e

máximo de 31,43 e Aproximação a Pares com média de 21,47 pontos, desvio padrão 6,08 e mínimo e máximo de 11,25 e 36,25, respetivamente.

No polo oposto, encontramos os resultados mais elevados nas subescalas de Negação da Dependência (com média de 37,92, desvio padrão de 4,78 e mínimo e máximo de 16,67 e 49,17, respetivamente), Expectativas de Rejeição (com média de 34,68, desvio padrão de 6,55, mínimo de 14,17 e máximo de 47,50) e Aproximação a Professores (com um resultado médio de 34,55, desvio padrão de 7,03 e mínimo e máximo de 11,25 e 50, respetivamente).

4.1.1. Análise das diferenças em função das variáveis sociodemográficas

Os resultados obtidos nas dimensões avaliadas pelo SITA foram relacionadas com o sexo dos participantes através do teste não-paramétrico de *Wilcoxon-Mann-Whitney*, uma vez que não foram cumpridos os pressupostos da normalidade e/ou homogeneidade das variâncias ($p < 0.05$, através do teste Kolmogorov-Smirnov). Usou-se uma probabilidade de erro tipo I de $\alpha = 0.05$.

Na análise das diferenças das médias relativamente às subescalas do SITA constatou-se existirem diferenças estatisticamente significativas em função da variável sexo quanto à Expectativa de Rejeição nos adolescentes do sexo masculino ($U = 1654,5$; $W = 6119,5$; $p = 0.009$). Assim, os rapazes apresentam *scores* significativamente mais elevados do que as raparigas do que diz respeito às Expectativas de Rejeição, conforme se pode observar no Quadro 3.

Quadro 3. Apresentação dos resultados relativos ao teste *Wilcoxon-Mann-Whitney* para a variável sexo em função das subescalas do SITA

Subescalas SITA	Feminino (n=94)	Masculino (n=48)	U	Z
	Média das Ordens	Média das Ordens		
Práticas de Espelho	75,04	64,56	1923,0	-1,44
Negação de Dependência	74,37	65,89	1986,5	-1,17
Ansiedade de Separação	69,03	76,33	2024,0	-1,00
Aproximação a Pares	69,47	75,48	2065,0	-,83
Ansiedade de Aproximação	68,29	77,78	1954,5	-1,30
Procura de Cuidados	67,48	79,36	1878,5	-1,63
Aproximação a Professores	72,40	69,74	2171,5	-,37
Separação Saudável	69,55	75,31	2073,0	-,79
Expectativas de Rejeição	65,10	84,03	1654,5	-2,60

De modo a apurar a existência de diferenças estatisticamente significativas em relação à idade dos adolescentes nas subescalas do SITA, utilizou-se o teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*.

Os resultados apurados demonstram que não há diferenças significativas entre as variáveis em estudo, isto é, não há diferenças estatisticamente significativas entre as subescalas do SITA em função da idade dos adolescentes.

Os resultados obtidos nas dimensões avaliadas pelo SITA foram relacionados com a Composição do Agregado Familiar dos participantes através do teste não-paramétrico de *Wilcoxon-Mann-Whitney*, conforme o Quadro 4. A variável foi dividida em 2 grupos, o primeiro grupo correspondente aos adolescentes que vivem com ambos os pais e o segundo grupo, correspondente aos adolescentes que vivem apenas com a mãe. Não foram estudadas as diferenças em relação ao pai e a outras situações não especificadas uma vez que eram apenas 4 em 142 casos.

Quadro 4. Apresentação dos resultados relativos ao teste *Wilcoxon-Mann-Whitney* para a variável composição do agregado familiar em função das subescalas do SITA

Subescalas SITA	Vive com ambos os pais (n=98)	Vive apenas com a mãe (n=40)	U	Z
	Média das Ordens	Média das Ordens		
Práticas de Espelho	66,08	77,88	1625,0	-1,57
Negação de Dependência	70,21	67,75	1890,0	-,33
Ansiedade de Separação	74,55	57,14	1465,5	-2,32
Aproximação a Pares	71,02	65,78	1811,0	-,70
Ansiedade de Aproximação	71,61	64,34	1753,5	-,97
Procura de Cuidados	71,91	63,59	1723,5	-1,11
Aproximação a Professores	71,60	64,35	1754,0	-,97
Separação Saudável	73,78	59,03	1541,0	-1,98
Expectativas de Rejeição	72,96	61,01	2361,0	-1,60

A composição do agregado familiar tem um efeito estatisticamente significativo em uma das subescalas do SITA, sendo que adolescentes que vivem com ambos os pais experienciam um maior nível de Ansiedade de Separação ($U = 1465,5$; $W = 2285,5$; $p = 0.020$).

4.1.2. Relação entre as subescalas do SITA

Os resultados obtidos nas subescalas do SITA foram correlacionados através de uma medida de associação não-paramétrica bivariada, o Coeficiente de Correlação de *Spearman*, obtendo-se as seguintes correlações:

Quadro 5. Matriz de correlações das subescalas do SITA

	Subescalas do SITA								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1	—								
2	-.216**	—							
3	.130	.027	—						
4	.396**	-.435**	.294**	—					
5	-.044	.205*	.323**	.194*	—				
6	.331**	-.070	.453**	.290**	.025	—			
7	.204*	-.071	.597**	.286**	.116	.363**	—		
8	.165*	-.185*	.113	.418**	.105	.171*	.199*	—	
9	-.160	.479**	.396**	-.049	.428**	.077	.071	-.062	—

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Legenda: 1 – Práticas de Espelho; 2 – Negação da Dependência; 3 – Ansiedade de Separação; 4 – Aproximação a Pares; 5 – Ansiedade de Aproximação; 6 – Procura de Cuidados; 7 – Aproximação a Professores; 8 – Separação Saudável; 9 – Expectativas de Rejeição

Pela leitura do Quadro 5, pode verificar-se a existência de correlações significativas em mais de metade das subescalas do SITA, sendo que a maioria das subescalas apresenta correlações estatisticamente significativas com cinco subescalas, encontrando-se apenas três exceções. A subescala Aproximação a Pares correlaciona-se de forma significativa com sete subescalas: Práticas de Espelho ($r = .396$; $p = .010$), Negação da Dependência ($r = -.435$; $p = .000$), Ansiedade de Separação ($r = .294$; $p = .000$), Ansiedade de Aproximação ($r = .194$; $p = .021$), Procura de Cuidados ($r = .290$; $p = .000$), Aproximação a Professores ($r = .286$; $p = .001$) e Separação Saudável ($r = .418$; $p = .000$). Por outro lado, a subescala Ansiedade de Aproximação apresenta correlações significativas com quatro subescalas: Negação da Dependência ($r = .205$; $p = .015$), Ansiedade de Separação ($r = .323$; $p = .000$) e Aproximação a Pares ($r = .194$; $p = .021$) e Expectativas de Rejeição ($r = .428$; $p = .000$). Por fim, a subescala Expectativas de Rejeição apresenta apenas três correlações estatisticamente significativas, com as

subescalas Negação de Dependência ($r = .479$; $p = .000$), Ansiedade de Separação ($r = .396$; $p = .000$) e Ansiedade de Aproximação ($r = .428$; $p = .000$).

4.2. Caracterização dos Resultados do EMBU-A

O EMBU-A é composto por 48 itens agrupados em três dimensões: Suporte Emocional, Sobreproteção e Rejeição. Os resultados relativos a estas três dimensões estão configurados no Quadro 6 onde se encontram as médias, desvio-padrão, mínimos e máximos dos resultados, para o pai e a mãe separadamente.

Quadro 6. Médias, desvio-padrão, mínimos e máximos dos resultados das subescalas do EMBU-A

Subescalas EMBU-A	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Máximo
Pai				
Suporte Emocional	1,83	.61	1	4
Sobreproteção	2,64	.47	1	4
Rejeição	3,49	.44	1	4
Mãe				
Suporte Emocional	1,63	.56	1	4
Sobreproteção	2,40	.53	1	4
Rejeição	3,44	.54	1	4

Os resultados mostram pontuações mais elevadas para as escalas relativas aos comportamentos percebidos como de Rejeição. Assim, o pai apresenta um resultado médio de 3,49, um desvio padrão de .44 e a mãe um resultado médio de 3,44, com desvio padrão de .54. As médias mais baixas são encontradas nas subescalas relativas aos comportamentos de Suporte Emocional, apresentando o pai um resultado médio de

1,83, com desvio padrão de .61 e a mãe um resultado médio de 1,63 e um desvio padrão de .56. As médias das subescalas de Sobreproteção apresentam um resultado médio de 2,64 e desvio padrão de .47 no que diz respeito ao pai, e um resultado médio de 2,40 com desvio padrão de .53, no que diz respeito à mãe. Em todas as subescalas é encontrado um mínimo de 1 e um máximo de 4.

Comparando os resultados médios obtidos por pai e mãe separadamente é ainda possível verificar que os resultados referentes ao pai são superiores quando comparados com os resultados da mãe.

4.2.1. Análise das diferenças em função das variáveis sociodemográficas

Os resultados obtidos nas dimensões Suporte Emocional, Sobreproteção e Rejeição para pai e mãe separadamente foram relacionados com o sexo dos participantes através do teste não-paramétrico de *Wilcoxon-Mann-Whitney*.

Não foram encontradas diferenças significativas nas variáveis testadas o que significa não existirem diferenças nas subescalas do EMBU-A em função do sexo dos adolescentes.

De modo a apurar a existência de diferenças estatisticamente significativas em relação à idade dos adolescentes nas dimensões Suporte Emocional, Sobreproteção e Rejeição para pai e mãe separadamente, utilizou-se o teste não-paramétrico de *Kruskal-Wallis*, seguido da comparação múltipla das médias das ordens como descrito em Maroco (2003).

Quadro 7. Apresentação dos resultados relativos ao teste *Kruskal-Wallis* para a variável idade em função das subescalas do EMBU-A

Subescalas	Média das Ordens				χ^2 (3)
	EMBU-A	14	15	16	
Pai					
Suporte Emocional	76,73	59,62	79,10	69,86	5,31
Sobreproteção	91,45	59,20	69,47	81,32	8,12
Rejeição	66,73	71,89	67,85	78,43	1,64
Mãe					
Suporte Emocional	59,59	61,69	82,50	67,50	7,54
Sobreproteção	77,50	59,12	72,09	81,43	5,72
Rejeição	63,86	63,19	70,48	84,01	5,27

A idade dos adolescentes tem um efeito estatisticamente significativo na Sobreproteção paterna. A análise das comparações múltiplas permite perceber que, para um $\alpha = 0.05$, as diferenças estatisticamente significativas na Sobreproteção paterna ocorrem entre os 14 e os 15 anos ($p = 0.021$) e os 15 e os 17 anos ($p = 0,020$). Assim, os adolescentes com 15 anos apresentam resultados de Sobreproteção Paterna significativamente mais baixos que os de 14 e os de 17 anos.

Os resultados obtidos nas dimensões Suporte Emocional, Sobreproteção e Rejeição para pai e mãe separadamente, foram relacionados com a variável Composição do Agregado Familiar dos participantes através do teste não-paramétrico de *Wilcoxon-Mann-Whitney*. A variável foi dividida em 2 grupos, o primeiro grupo correspondente aos adolescentes que vivem com ambos os pais e o segundo grupo, correspondente aos adolescentes que vivem apenas com a mãe. Não foram estudadas as diferenças em relação ao pai e a outras situações não especificadas uma vez que eram apenas 4 em 142 casos.

Não foram encontradas diferenças significativas nas variáveis testadas o que significa não existirem diferenças nas subescalas do EMBU-A em função da composição do agregado familiar dos adolescentes.

4.2.2. Relação entre as subescalas do EMBU-A

Os resultados obtidos nas subescalas do EMBU-A foram correlacionados através de uma medida de associação não-paramétrica bivariada, o Coeficiente de Correlação de *Spearman*, obtendo-se as seguintes correlações:

Quadro 8. Matriz de Correlações das Subescalas do EMBU-A

			Subescalas do EMBU-A					
			Pai			Mãe		
			SupEmo	Sobrep	Rej	SupEmo	Sobrep	Rej
Subescalas do EMBU-A	Pai	SupEmo	—					
		Sobrep	.241**	—				
		Rej	-.479**	.249**	—			
	Mãe	SupEmo	.041	-.147	-.142	—		
		Sobrep	.004	.245**	.098	-.073	—	
		Rej	.005	.103	.152	-.524**	.474**	—

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

Pela leitura do Quadro 8, pode verificar-se a existência de correlações significativas entre as dimensões do EMBU-A. As subescalas que remetem para as dimensões paternas apresentam todas correlações estatisticamente significativas entre si. Por sua vez, no que diz respeito às subescalas que remetem para os comportamentos

parentais maternos apenas não se encontram correlações estatisticamente significativas entre as subescalas Suporte Emocional e Sobreproteção. Entre si, as subescalas apresentam um resultado estatisticamente significativo, na correlação entre as subescalas Sobreproteção Materna e Sobreproteção Paterna ($r = .245$; $p = .003$).

4.3. Relação entre as subescalas do SITA e do EMBU-A

Os resultados obtidos nas subescalas do SITA foram correlacionados com as subescalas do EMBU-A (para mãe e pai separadamente), através de uma medida de associação não-paramétrica bivariada, o Coeficiente de Correlação de *Spearman*, obtendo-se as seguintes correlações:

Quadro 9. Matriz de correlações das subescalas do SITA e do EMBU-A

	Subescalas do EMBU-A					
	Pai			Mãe		
	SupEmo	Sobrep	Rej	SupEmo	Sobrep	Rej
Práticas de Espelho	-.042	-.132	-.026	.208*	.055	-.077
Negação de Dependência	-.231**	-.100	.194*	-.327**	.002	.285**
Ansiedade de Separação	-.024	-.027	-.050	-.108	.336**	.276**
Aproximação a Pares	.041	-.069	-.056	.123	.119	.034
Ansiedade de Aproximação	-.013	.176**	.081	-.470**	.469**	.630**
Procura de Cuidados	-.083	-.095	.021	.220**	.202*	-.037
Aproximação a Professores	-.088	-.057	-.085	.104	.189*	.046
Separação Saudável	.071	-.049	-.100	.079	-.039	-.094
Expectativas de Rejeição	-.136	.031	.125	-.563**	.270**	.617**

* $p \leq .05$; ** $p \leq .01$

A observação dos resultados do Quadro 9 permite perceber a existência de correlações estaticamente significativas entre várias subescalas do SITA e do EMBU-A.

Em relação às práticas parentais paternas é possível observar a correlação significativa das subescalas Suporte Emocional e Rejeição com a subescala Negação de Dependência do SITA ($r = -.231$; $p = .006$ e $r = .194$; $p = .021$ respectivamente) e da subescala Sobreproteção com a subescala Ansiedade de Separação do SITA ($r = .176$; $p = .036$).

Também as práticas parentais maternas apresentam várias correlações estatisticamente significativas com as subescalas do SITA. A subescala Suporte Emocional encontra-se significativamente correlacionada de forma positiva com as subescalas Práticas de Espelho ($r = .208$; $p = .013$), Negação da Dependência ($r = .327$; $p = .000$) e Procura de Cuidados ($r = .220$; $p = .009$) e de forma negativa com Ansiedade de Aproximação ($r = -.470$; $p = .000$) e Expectativas de Rejeição ($r = -.563$; $p = .000$). Por sua vez, na subescala Sobreproteção encontram-se correlações significativas positivas com Ansiedade de Separação ($r = .336$; $p = .000$), Ansiedade de Aproximação ($r = .469$; $p = .000$), Procura de Cuidados ($r = .202$; $p = .016$), Aproximação a Professores ($r = .189$; $p = .024$) e Expectativas de Rejeição ($r = .270$; $p = .001$). Por fim, a subescala Rejeição correlaciona-se de forma significativa com as subescalas Negação da Dependência ($r = .285$; $p = .001$), Ansiedade de Separação ($r = .276$; $p = .001$), Ansiedade de Aproximação ($r = .630$; $p = .000$) e Expectativas de Rejeição ($r = .617$; $p = .000$).

Capítulo 5 Discussão de Resultados

A adolescência é um período de consolidação da identidade própria, caracterizada pela perda dos pais na sua função parental e de primeiros objetos de amor e identificação, para a sua conquista como parceiros mais velhos, e pela escolha do par amoroso ou parceiro sexual como objeto de sexualidade adulta e do amor oblato (Coimbra de Matos, 2002).

As tarefas desenvolvimentais da adolescência manifestam-se de diferentes formas: no campo pessoal e interpessoal, pela reorganização das relações com pais, amigos, consigo mesmo e com o seu corpo e no campo psicopatológico, com uma difícil fronteira entre a crise normal da adolescência e os aspetos clínicos (Coimbra de Matos, 2002)

Nesta fase, os pais têm uma importância extrema: se por um lado, são eles quem devem assegurar a tarefa da vinculação, são também estes os agentes responsáveis pelo incentivo à separação e à individuação (Fleming, 2005).

5.1. Análise das diferenças do SITA em função das variáveis sociodemográficas

Em termos de literatura, parece não haver um consenso quanto à influência do género na forma como os adolescentes vivem o processo de separação-individuação. Segundo Zilbach (1993), rapazes e raparigas diferem na forma como vivem a adolescência e nos caminhos desenvolvimentais que tomam. De facto, alguns estudos mostram haver diferenças significativas (Saraiva e Matos, 2012), enquanto outros mostram o contrário (Lopez, et. al, 1986; Lapsley, et. al 1989; Boles, 1999). No presente estudo os resultados vão parcialmente ao encontro da hipótese 1, revelando a existência de diferenças significativas no que diz respeito à forma como rapazes e raparigas sentem as Expectativas de Rejeição na adolescência, sendo que os rapazes

parecem ter expectativas mais negativas acerca dos vínculos interpessoais, sentindo que as outras figuras para si significativas são insensíveis, hostis e rejeitantes. Os rapazes apresentam ainda resultados mais elevados, embora a diferença não seja significativa, na subescala Ansiedade de Separação. Neste sentido, a hipótese 1 confirmasse apenas parcialmente.

Numa revisão de vários estudos Fleming (1993), conclui que os rapazes são descritos como mais independentes e ativos tendo, por norma, comportamentos de autonomia mais explícitos que as raparigas, e pondo mais facilmente em causa a autoridade dos pais. Estes comportamentos, de questionamento da autoridade dos pais e de maior exploração do meio envolvente, põem o adolescente do sexo masculino mais vulnerável ao conflito com os pais, potenciando a expectativa de uma não-aceitação do mesmo.

Segundo Meeus et al. (2005), a separação que vai ocorrendo progressivamente na adolescência e o consolidar de um sentimento de identidade são diferentes em função da idade do adolescente. Os resultados encontrados nesta investigação não demonstram a existência de diferenças significativas entre nenhuma dimensão do processo de separação-individação e a idade dos adolescentes, pelo que não é corroborada a segunda hipótese. Aqui, importa ter em conta que, na presente amostra, os sujeitos não se distribuem de forma idêntica pelos diferentes grupos etários, existindo grandes discrepâncias entre os mesmos. De facto, vemos existir uma menor representação de adolescentes de 14 anos (7,7%) se comparados com os outros grupos (como por exemplo com os 16 anos, com uma representação de 40,8%), influenciando os resultados obtidos.

Intrinsecamente ligado ao adquirir da autonomia e individuação, está um adquirir de um novo estilo de vida que se relaciona com renegociação entre proximidade e separação em relação à família. Este é um equilíbrio difícil para os adolescentes que se manifesta de diferentes formas. Segundo Braconnier (2002), adolescentes que vivem com pais separados podem experienciar maiores dificuldades na adaptação psicológica. Vários estudos associam a separação parental a alterações no sistema familiar, propiciando o risco de deteriorações dos laços familiares e o aumento

de sentimentos de rejeição (Smith, Cowie, & Blades, 1998; Johnson, La Voie & Mahoney, 2001; Guttman & Rosenberg, 2003).

Os resultados mostram que existem diferenças significativas na forma como os adolescentes vivem o processo de separação-individação em função da composição do seu agregado familiar, sendo que adolescentes que vivem com ambos os pais apresentam resultados mais elevados em Ansiedade de Separação, quando comparados com os que vivem apenas com a mãe. Estes resultados vão contra o que seria esperado pela literatura, não se confirmando a hipótese 3.

Estes resultados parecem sugerir que o facto de viver com ambos os pais não significa necessariamente a existência de um desenvolvimento saudável, uma vez que não só é importante a presença externa como é fundamental a presença interna e a qualidade das relações e dos afetos. Assim, parece que mesmo os adolescentes que vivem com ambos os progenitores experienciam uma ansiedade excessiva derivada da possibilidade de afastamento, abandono ou rejeição, reagindo com comportamentos de apego desadequado e excessivo (Castillo, 2000).

5.2. Análise das diferenças do EMBU-A em função das variáveis sociodemográficas

A qualidade da relação entre o adolescente e as suas figuras cuidadoras está intrinsecamente ligada ao seu desenvolvimento e ajustamento psicológico. Segundo Coutinho (2004), o desenvolvimento do adolescente depende do contexto familiar, das interações entre pais e filhos e dos cuidados básicos que são por estes recebidos. São as representações das práticas parentais que, ao funcionarem como mapa interno, vão permitir que o adolescente antecipe as respostas dos que o rodeiam, usando isso para guiar o seu próprio comportamento em contextos variados (Custódio & Cruz, 2008).

Nesta fase de transformações biológicas, sociais, cognitivas e identitárias, há uma alteração no contexto familiar e forma como a autoridade e controlo são negociados (Youniss & Smollar, 1985). Esta renegociação altera os padrões relacionais familiares aumentando, potencialmente, a conflitualidade entre adolescentes e progenitores (Steinberg, 1993).

De acordo com os estudos de Siegal (1987), a forma como os pais interagem com os filhos é diferente em função do género. Assim, parece existir um padrão de comportamentos específicos para a figura do pai, sendo que este está mais ligado à área da disciplina e envolvimento físico do que a mãe. As mães, por sua vez, são descritas como tendo comportamentos mais diferenciados em relação aos filhos em função do seu sexo, se elas próprias tiverem sentido esses comportamentos nas relações com os seus pais. No estudo de Gerlsma et. al (1991) os resultados apontam para diferenças na forma como raparigas e rapazes percebem o suporte emocional dos pais, sendo que no sexo feminino esta perceção parecia ser mais elevada. Ainda assim, os resultados do presente estudo não encontraram diferenças significativas na forma como rapazes e raparigas sentiram as práticas parentais, à semelhança dos estudos de Caldwell et al. (2004) e Plunkett et al. (2007). Desta forma, não é confirmada a hipótese 4. Estes resultados podem dever-se à cada vez maior igualdade no tratamento dos filhos e conseqüente menor preponderância dos tradicionais papéis de género. Almeida (2005) refere o facto de a maioria das mulheres trabalhar fora de casa e a maior partilha de tarefas domésticas como fatores que podem contribuir para a não diferenciação dos sexos.

Segundo Fleming (1993), o envolvimento dos adolescentes com os pais diminui à medida que a idade avança. As investigações têm demonstrado que adolescentes mais velhos tendem a perceber os pais como mais distantes e menos protetores, utilizando mais práticas que remetem para a retirada de privilégios (Maccoby & Martim, 1983). Os resultados do estudo de Levpuscek (2006) apontam para a fase média da adolescência como o período em que ocorrem maiores transformações no adolescente, sendo esta a altura em que o jovem mais avança no consolidar da identidade saindo da esfera parental e, conseqüentemente, diminuindo o controlo que os pais exercem sobre os filhos. Beyers & Goossens (1999) e Steinberg & Silverberg (1986) mostram, através

dos seus estudos, que a forma como as dinâmicas familiares são vividas pelos adolescentes são influenciadas pela idade dos mesmos, tornando-se mais autónomos através de uma formação de um self mais individualizado e do abandono de algumas das dependências infantis.

Segundo os resultados do presente estudo, a idade dos adolescentes tem um efeito estatisticamente significativo na forma como foi sentida a Sobreproteção Paterna. Ainda assim, a hipótese 5 é confirmada apenas parcialmente uma vez que, se por um lado, de facto adolescentes mais velhos (15 anos) percebem os pais como sendo menos sobreprotetores que os mais novos (14 anos), por outro, esta percepção de Sobreproteção parece aumentar, novamente, aos 17 anos.

Tendo em conta que quanto mais velho é o adolescente, mais esperado é que este se encontre fora da esfera parental, investindo no mundo social, a hipótese explicativa é formulada em dois sentidos: por um lado, como resposta aos movimentos de autonomia do adolescente em relação à família, os progenitores podem defender-se, aumentando o controlo comportamental ou psicológico de forma a evitar os comportamentos de independência dos filhos (Spera, 2005). Por outro lado, o aumento do desejo de autonomia que está subjacente ao crescimento, pode fazer com estes percecionem os pais como sendo mais sobreprotetores, mesmo com práticas que não seriam assim consideradas, em adolescentes mais novos.

De acordo com Coutinho (2004), o facto de os adolescentes viverem com a família nuclear funciona como fator protetor contra o impacto de eventos potencialmente geradores de stress ao longo da sua vida, sendo que a separação parental e consequentemente quebra de vínculos podem estar associados à falta de apoio, aumentando a vulnerabilidade dos adolescentes. Vários estudos têm demonstrado que a separação parental pode aumentar os sentimentos de rejeição e a deterioração dos laços familiares que são sentidos como menos fornecedores de suporte (Smith, Cowie, & Blades, 1998; Johnson, La Voie & Mahoney, 2001; Guttman & Rosenberg, 2003). No presente estudo não foram encontrados resultados que confirmassem a hipótese de que a forma como as práticas parentais são percecionadas pelos adolescentes muda significativamente em função do agregado familiar, não se corroborando a hipótese 6.

5.3. Relação entre as subescalas do SITA e do EMBU-A

Vários estudos que se têm focado na forma como o adolescente percebe as práticas parentais e no impacto que isso tem no seu desenvolvimento defendem que jovens que percebem os pais como fontes de aceitação, aprovação e suporte tendem a apresentar melhores resultados em características que remetem para uma separação-indivuação saudável: níveis mais elevados de autoestima, competência, resiliência, autonomia, bem-estar e ajustamento psicológico, e níveis mais baixos de depressão e comportamentos delinquentes (Buri, 1991; Grolnick, Ryan & Deci, 1991; Grolnick, 2003; Masten, Burt, Roisman, Obradović, Long & Tellegen, 2004). Por outro lado, jovens que perceberam os pais como figuras intrusivas, que usam estratégias manipuladoras (como a indução de culpa, vergonha e cujo o amor não foi sentido como incondicional) na esperança de manterem os filhos mais perto física e emocionalmente fazem com que estes sintam um maior medo de abandono e de perda, depressão e ansiedade, sendo mais dependentes dos que os rodeiam (Barber, 1996; Soenens & Vansteenkiste, 2010; Wood, 2006). Os resultados das correlações entre os instrumentos utilizados parecem ser congruentes com as investigações enunciadas.

Segundo McClanahan e Holmbeck (1992) as subescalas Narcisismo e Indivuação – Práticas de Espelho e Separação Saudável do presente estudo – representam uma separação saudável e estão associadas com um bom ajustamento psicológico e um bom funcionamento familiar. Já Levine e Saitonge (1993) defendem que as subescalas Procura de Cuidados e Aproximação a Pares remetem para expectativas positivas nas experiências de vinculação ou para o desejo de as vir a ter. Assim, a hipótese exploratória, foi formulada tendo em conta a possível correlação positiva entre estas subescalas e a subescala Suporte Emocional do EMBU-A, que remete para práticas parentais que encorajam o filho na sua autonomia. Esta hipótese é parcialmente confirmada, encontrando-se correlações positivas entre Suporte Emocional Materno e Procura de Cuidados e Práticas de Espelho, o que parece querer dizer há, de facto, uma associação entre práticas parentais promotoras de suporte e aceitação, em pais responsivos às necessidades dos jovens, ajudando na consolidação de um narcisismo saudável. Ainda assim, é importante focar aqui dois pontos: em primeiro

lugar, e ao contrário do que seria esperado, Separação Saudável e Aproximação a Pares não se correlacionam com nenhuma subescala. No que diz respeito à subescala de Separação Saudável, isto pode ser justificado com a consistência extremamente baixa que apresentou. Em segundo lugar, as correlações são significativas apenas na dimensão materna o que pode estar ligado à tendência que as mães têm em ser mais calorosas e a fornecer mais suporte (Holmbeck et al., 1995). Os resultados apontam ainda para uma correlação negativa entre Suporte Emocional e todas as subescalas que apontam para expectativas negativas acerca dos vínculos interpessoais, sendo três delas significativas.

Se o Suporte Emocional parece ser um fator de proteção no desenvolvimento dos adolescentes, a Sobreproteção e a Rejeição parecem estar associadas a uma percepção disfuncional do *self* e dos outros (Nishikawa, Sundbom, & Hägglöf, 2010). Neste sentido, o processo de separação-individuação pode ser fortemente condicionado se os pais forem sentidos como intrusivos, controladores e demasiado protetores, tentando ficar fundidos psicologicamente com os filhos. A hipótese exploratória 8 pretendia verificar a existência de uma relação significativa entre a subescala de Sobreproteção e as subescalas de Ansiedade de Aproximação e Ansiedade de Separação tendo em conta Levine, Green e Millon (1986) que defendem que a subescala Ansiedade de Destruição (Ansiedade de Aproximação do presente estudo) se associa ao controlo parental e à ideia de perda de autonomia e que a subescala Ansiedade de Separação representa a ansiedade face à separação antecipada ou percebida de um outro idealizado. Os resultados mostram que, de facto, adolescentes que percebem os pais como demasiado protetores, tentando conhecer e manipular todas as suas atividades, sendo intrusivos e excessivos e desencorajando a independência experienciam um maior medo de ser absorvido pelo outro e de perder a sua autonomia e independência. Mais, práticas medidas nesta dimensão, como são caso as expectativas exageradas e regras rígidas, parecem ser geradoras de fortes receios de perda do contacto emocional que são expressos com ansiedade excessiva face à possibilidade não corresponder ao esperado. Assim, confirma-se parcialmente a hipótese 8, na medida em que existem correlações significativas entre Ansiedade de Aproximação e Sobreproteção (de ambos progenitores) e Ansiedade de Separação e Sobreproteção Materna.

Segundo Fleming (2005), se o adolescente se sentir ligado por um vínculo onde predomina a hostilidade terá mais dificuldades ao passar pelo processo de autonomia, sendo que ao sentirem-se mal-amados, desenvolvem uma visão distorcida de si e do mundo, projetando os seus sentimentos negativos (de frustração, hostilidade, inadequação e insegurança) nos que o rodeiam (Morais & Edit, 1999). As práticas parentais rejeitantes remetem para um conjunto de comportamentos por parte dos pais que passa pela tentativa de mudança de características dos filhos através da aplicação de castigos, privação de privilégios ou aplicação de força, sem ter em conta as vontades e opiniões do filho (Almeida, 2005). Este tipo de práticas influencia negativamente o desenvolvimento dos adolescentes (Weber, Viezzer, & Brandenburg, 2004) e, conseqüentemente a forma como este se separa dos pais e se individualiza. Confirmando parte da hipótese 9, foram encontradas correlações significativas entre a dimensão de Rejeição e a subescala Expectativas de Rejeição. Esta relação tem lógica no sentido em que práticas parentais percebidas como rejeitantes, hostis e insensíveis, aumentam a expectativa de que esses comportamentos voltem a acontecer. Quanto à correlação entre as subescalas Negação da Dependência e Ansiedade de Separação com a dimensão Rejeição, os resultados apontam para resultados significativos apenas em relação às práticas maternas. Assim, parece que face a práticas parentais (maternas) à ansiedade que advém de práticas negativas pelo seu carácter rejeitante e abandonico, os adolescentes têm tendência a defender-se negando a dependência do vínculo e da necessidade de contacto.

Parece importante referir ainda que o facto de se verificarem apenas três correlações entre práticas parentais paternas e as subescalas do SITA parece ir ao encontro do facto da relação com a mãe parecer ser mais influentes nos resultados que os adolescentes apresentam, uma vez que são as mães o progenitor que passa mais tempo com os filhos e com quem estes mantêm uma relação mais próxima (Laible & Carlo, 2004).

Capítulo 6 Conclusões

A presente investigação teve como principal objetivo contribuir para o estudo e para a compreensão do processo de separação-individuação na adolescência e da sua relação com a percepção das práticas parentais que o adolescente percebeu. Desta forma, foi estabelecida como variável dependente o processo de separação-individuação na adolescência, medido com o *Separation-Individuation Test of Adolescence* (Levine & Saintonge, 1993) nas subescalas Práticas de Espelho, Negação da Dependência, Ansiedade de Separação, Aproximação a Pares, Ansiedade de Aproximação, Procura de Cuidados, Aproximação a Professores, Separação Saudável e Expectativa de Rejeição e como variáveis independentes a percepção das práticas parentais, medidas com o *Parental Rearing Style Questionnaire for use with Adolescents* (versão Portuguesa de Almeida, 2005) nas dimensões de Suporte Emocional, Rejeição e Sobreproteção, a idade, o sexo e a composição do agregado familiar. A amostra foi constituída por 142 adolescentes (48 do sexo masculino e 94 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos e frequentando um grau de ensino que varia entre o 7º e o 11º ano.

A literatura que incide na adolescência tem-na descrito como o período em que se abala o equilíbrio psíquico aparentemente estabelecido na latência. Segundo Coimbra de Matos (2002), nesta fase há uma mudança do objeto protetor e incestuoso (anaclítico e edipiano) para o objeto contemporâneo (escolhido e exogâmico) sendo necessária a presença internalizada de boas imagens parentais, com papéis bem definidos e uma cena primária amorosa e criativa para que o adolescente consiga abandonar as ligações aos primeiros objetos de amor, investindo em novos objetos heterossexuais e extrafamiliares.

A reedição do Complexo de Édipo faz com que o adolescente necessite reviver algumas situações primitivas com os pais ao mesmo que tempo se separa e diferencia das suas imagens internalizadas através de um trabalho psíquico (Levandowsky, Piccinini e Lopes, 2009). Este processo vem alterar o equilíbrio entre duas dimensões que se estendem ao longo do ciclo da vida: vinculação *versus* autonomia (Marcelli & Braconnier, 2005). Assim, é fundamental que o adolescente se sinta ligado aos pais por um sistema vincutivo saudável para poder passar com sucesso pelo processo de

separação-individação. Se o sistema familiar não se conseguir adaptar a estas mudanças de desenvolvimento dos membros pode ficar enquistado na homeostasia da infância, bloqueando o próprio processo de desenvolvimento (Fleming, 2005). Segundo Smolak e Levine (1993) as dificuldades no processo de separação-individação nos adolescentes parecem estar bastante ligadas a distúrbios no funcionamento familiar e a vínculos que não foram sentidos como suficientemente sólidos por não terem transmitido atenção, conforto, consolo, segurança e proteção.

No que diz respeito à interação entre as variáveis sociodemográficas e as subescalas dos instrumentos utilizados, os resultados não confirmam quatro das hipóteses e confirmam parcialmente duas. Estas duas hipóteses parcialmente confirmadas remetem para as diferenças na subescala Expectativa de Rejeição do SITA em função da variável género, na subescala de Ansiedade de Separação do SITA em função da variável composição do agregado familiar e na dimensão de Sobreproteção Paterna do EMBU-A, em função da variável idade dos adolescentes. No primeiro caso, os resultados demonstram que comparando rapazes e raparigas, são os rapazes quem têm expectativas mais negativas acerca dos vínculos interpessoais, sentindo que as outras figuras para si significativas são insensíveis, hostis e rejeitantes. No segundo caso, os resultados demonstram que os adolescentes percecionam as práticas de sobreproteção (paterna) como diminuindo em função da idade (como era esperado em função da literatura), mas simultaneamente, aumentando no final da adolescência, o que pode ser explicado com o aumento do desejo de autonomia.

As conclusões principais do estudo remetem para a influência que as práticas parentais têm sobre o processo de separação-individação. Assim, os resultados fazem refletir na importância que práticas de suporte e aceitação têm nas expectativas positivas acerca dos vínculos interpessoais, na procura dos mesmos e na consolidação de um narcisismo saudável. Por outro lado, práticas percebidas como rejeitantes e sobreprotetoras são potenciadoras de um maior medo de perda do contacto emocional, expressos com ansiedades excessivas e negação da necessidade dos vínculos.

O fato de a maior parte das correlações serem significativas apenas no que à dimensão materna vai de encontro ao maior impacto que a figura materna parece ter no processo de separação-individação, de acordo com o esperado pela literatura.

No presente estudo podem ser apontadas algumas limitações que devem ser tomadas em conta. A primeira limitação que pode ser levantada remete não só para o número de sujeitos que constitui a amostra como para a sua distribuição em função do sexo, grupo etário e composição do agregado familiar que não acontece de forma idêntica, existindo discrepâncias entre as mesmas. Também o facto de não ter sido possível estudar a interação dos dados relativos à idade e escolaridade dos pais pelo elevado número de não-respostas deve ser tido em conta e seria importante ter em conta em estudos futuros. Por fim, o facto de ter sido utilizado um instrumento traduzido mas não adaptado à população é um elemento que deve ser tido em consideração.

Como pista para estudos futuros parece importante referir a pertinência de um estudo longitudinal uma vez que o processo de separação-individação assume diferentes configurações em função as tarefas de desenvolvimento específicos da etapa de desenvolvimento em que o adolescente se encontra. Seria também interessante estudar a autoavaliação dos pais no que diz respeito às suas práticas parentais, relacionando-as com a perceção que os adolescentes têm para que pudesse ser capturada com maior abrangência a complexidade do funcionamento familiar.

Em forma de conclusão, esta investigação contribui para os conhecimentos existentes acerca das mudanças que ocorrem no processo de separação em função não só da idade, género e composição do agregado familiar dos adolescentes, como também da forma como estes percecionaram as práticas parentais.

Referências Bibliográficas

- Almeida, M. I. (2005). *A percepção das práticas parentais pelos adolescentes: Implicações na percepção de controlo e nas estratégias de coping*. Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa
- Aberastury, A. & Knobel, M. (1989). *Adolescência Normal: um enfoque psicanalítico*. (Trad. Suzana Maria Ballye) (5ª ed.) Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original do Espanhol *La adolescência normal*)
- Barber, B. K. (1996). Parental psychological control: revisiting a neglected construct. *Child Development*, 67. Acesso em 6 de Janeiro, 2013, em EBSCO Host
- Baumrind, D. (1966). Effects of Authoritative Parental Control on Child Behavior. *Child Development*, 37, 887-907. Acesso em 28 de Dezembro, 2012, em EBSCO Host
- Beyers, W., & Goossens, L. (1999). Emotional autonomy, psychosocial adjustment and parenting: Interactions, moderating and mediating effects. *Journal of Adolescence*, 22, 753-769
- Blos, P. (1967). The second individuation process of adolescence. *Psychoanalytic Study of the Child*, 162 – 186
- Blos, P. (1998). *Adolescência: Uma interpretação psicanalítica*. (W. Dutra, Trad.) São Paulo: Martins Fontes. (Obra original em Inglês publicada em 1962)
- Blum, H. (2004), Separation-individuation Theory and Attachment Theory, *JAPA*, 52(2), pp. 535-553
- Boles, S. (1999). A Model of Parental Representations, Second Individuation, and Psychological Adjustment in Late Adolescence. *Journal of Clinical Psychology*, Vol. 55 (4), 497-512 San Diego, California. Acesso em 21 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Boszormenyi-Nagy, I., & Spark, G. M. (1973). *Invisible loyalties: Reciprocity in intergenerational family therapy*. Oxford, England: Harper & Row. Acesso em 2 Março, 2013 em http://books.google.pt/books/about/Invisible_loyalties_reciprocity_in_inter.html?id=kHJHAAAAMAAJ&redir_esc=y
- Braconnier, A. (2002). *O guia da adolescência*. (T.A. Correia, Trad.) Lisboa: Prefácio (Obra original publicada em 1999)

- Buri, J. R. (1991). Parental Authority Questionnaire. *Journal of Personality Assessment*, 57(1), pp. 110–119. Acesso em 4 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Caldwell, R. M., Silverman, J., Lefforge, N. & Clayton Silver, N. (2004). Adjudicated Mexican American adolescents: the effects of familial emotional support on self-esteem, emotional well-being, and delinquency. *The American Journal of Family Therapy*, 32, 55-69. Acesso em 25 de Janeiro, 2013 em <http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/01926180490255828>
- Canavarro, M. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Castillo, A. R., Recondo, R., Asbahr, F. R. & Manfro, G. (2000). Transtornos de ansiedade. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 22 (Supl. 2), 20-23. Acesso em 2 de Fevereiro, 2013 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462000000600006&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1516-44462000000600006
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência*. Lisboa: Climepsi
- Coutinho, M. T. (2004). Apoio à família e formação parental. *Análise Psicológica*, 1, Lisboa, S. 22, n.º 1, pp. 54-64
- Custódio, S. & Cruz, O. (2008). As Representações Mentais das Crianças acerca das Figuras Parentais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol.24(4), 393-405. Acesso em 1 de Abril, 2013 em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000400002&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-37722008000400002
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-493. Acesso em 8 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Delhaye, M. Kempnaers, C., Burton, J., Linkowski, P., Stroobants, R. & Goossens, L. (2012). *Attachment, Parenting, and Separation–Individuation in Adolescence: A Comparison of Hospitalized Adolescents, Institutionalized Delinquents, and Controls*. *Journal Of Genetic Psychology*, 173(2), 119-141. Acesso em 15 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Dias, C. A.; Vicente, T. N. (1984). *A Depressão no Adolescente*. Porto: Edições Afrontamento
- Erikson, E.H. (1968/1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores (Tradução do original em Inglês Identity: Youth and Crisis)

- Ferreira, M., & Nelas, P.B. (2006). *Adolescências... Adolescentes...* Revista do Instituto Superior Politécnico de Viseu, 32, 141-162. Acesso em 20 de Dezembro, 2012 em <http://www.ipv.pt/millennium/Millennium32/11.pdf>
- Fleming, M. (1993), *Adolescência e Autonomia. O desenvolvimento Psicológico e a Relação com os Pais*. Edições Afrontamento
- Fleming, M. (2005), *Entre o Medo e o Desejo de Crescer. Psicologia da Adolescência*. Edições Afrontamento
- Floyd, F. J., & Stein, T. S. (1999). Gay, Lesbian, and Bisexual Youths: Separation-Individuation, Parental Attitudes, Identity. *Journal Of Youth & Adolescence*, 28(6), 719. Acesso em 18 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Freud, A. (1936). *Le moi et les mécanismes de défense* (15 ed.). Paris: Presses Univertaires de France, Bibliothèque de psychanalyse, 2001
- Freud, S. (2000) Textos essenciais da psicanalise: Vol. 2. *A Teoria da Sexualidade* (I. Busse, Trad.) (2ªEd.) Lisboa: Europa-América (Obra original em Inglês 1905)
- Gada, M. (1992). *Vulnerabilidade psicológica ao consumo ilícito de tóxicos na adolescência*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa
- Gnaulati, E., & Heine, B. J. (2001). Separation-Individuation in Late Adolescence: An Investigation of Gender and Ethnic Differences. *Journal Of Psychology*, 135(1), 59. Acesso em 5 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Gerlsma, C., Arrindell, W., Van der Veen, N. & Emmerlkamp P. (1991). A parental rearing style questionnaire for use with adolescents: psychometric evaluation of the EMBU-A. *Personality and Individual Differences*, 21, 1245 – 1252
- Grolnick, W. S. (2003). *The psychology of parental control: How well-meant parenting backfires*. Mahwah, NJ: Erlbaum. Acesso em 12 de Janeiro, 2013 em <http://books.google.pt/books?id=uvTRAEq2cQUC&printsec=frontcover&dq=The+psychology+of+parental+control:+How+well-meant+parenting+backfires&hl=pt-PT&sa=X&ei=8QpoUrONE82AhAfs-YF4&ved=0CDMQ6AEwAA>
- Grolnick, W. S., Ryan, R. M., & Deci, E. L. (1991). Inner resources for school Achievement: motivational mediators of children's perceptions of their parents. *Journal of Educational Psychology*, 83, pp. 508–517. Acesso em 22 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host

- Guttman, J. & Rosenberg, M. (2003). Emotional intimacy and children's adjustment: a comparison between single-parent divorced and intact families. *Educational Psychology, 23*(4), 457-472
- Holmbeck, G.N., Paikoff, R.L. & Brooks-Gunn, J. (1995). Parenting adolescents. In M.H. Bornstein, *Handbook of parenting (vol. 1)* (91-118). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum
- Houzel, D., & Mazet, P. (1994). *L'adolescence et ses troubles* in Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent. Maloine, 449-469
- Johnson, H. D., La Voie, J. C. & Mahoney, M. (2001). *Interparental conflict and family cohesion: predictors of loneliness, social anxiety and social avoidance in late adolescence. Journal of Adolescent Research, 16*(3), 304-318. Acesso em 25 de Março, 2013 em <http://www.nbu.bg/webs/clubpsy/Materiali%20za%20kachvane/Library/razlichni%20lekcii%20na%20angliiski/Interparental%20Conflict%20and%20Family%20Cohesion.pdf>
- Kins, E., Soenens, B. & Beyers, W. (2012). Parental psychological control and dysfunctional separation-individuation: A tale of two different dynamics. *Journal of Adolescence, Volume 35, Issue 5*, 1099–1109. Acesso em 16 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Kobarg, A. P. R., Vieira, V. & Vieira, M. L. (2010). *Validação da Escala de Lembranças Sobre Práticas Parentais (EMBU)*. Avaliação Psicológica, 2010, vol.9, n.1, 77-85
- Koepke, S., & Denissen, J. A. (2012). Dynamics of Identity Development and Separation-Individuation in Parent-Child Relationships during Adolescence and Emerging Adulthood – A Conceptual Integration. *Developmental Review, 32*(1), 67-88. Acesso em 4 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Ladame, F. (2004). Crise da Adolescência. In D. Houzel, M. Emmanuelli, & F. Moggio, *Dicionário de psicopatologia da criança e do adolescente*. Lisboa: Climepsi.
- Laible, D., & Carlo, G. (2004). The differential relations of maternal and parental support and control to adolescent social competence, self-worth and sympathy. *Journal of Adolescent Research, 19*(6), 759-782
- Lapsley, D. K., & Edgerton, J. (2002). Separation-Individualization, Adult Attachment Style, and College Adjustment. *Journal Of Counseling & Development, 80*(4), 484

- Lapsley, D., Rice, K. & Shadid, G. (1989). *Psychological separation and adjustment to college*. *Journal of Counseling Psychology*, 36, 286-294
- Levine, B. J., Green, J. C. & Millon, T. (1986). The Separation-Individuation Test of Adolescence. *Journal of Personality Assessment*, 50 (1), 123-137. Acesso em 04 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Levine, J., & Saintonge, S. (1993). Psychometric properties of the separation-individuation test of adolescence within a clinical population. *Journal of Clinical Psychology*, 49(4), 492 – 507. Acesso em 04 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Levpuscek, M. (2006). Adolescent individuation in relation to parents and friends: Age and gender differences. *European Journal Of Developmental Psychology*, 3(3), 238 – 264
- Levandowski, D. C., Piccinini, C. A. & Lopes, R. C. S. (2009). O Processo de Separação-Indivuação em Adolescentes do Sexo Masculino na Transição para a Parentalidade. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia. Acesso em 18 de Dezembro, 2012 em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n3/v22n3a05.pdf>
- Lewis, C. C. (1981). The effects of parental firm control: A reinterpretation of findings. *Psychological Bulletin*, 90, 547-563
- Lopez , F. G. Campbell , V. L. Watkins , C. E. (1986). *Depression, psychological separation, and college adjustment: An investigation of sex differences*. *Journal of Counseling Psychology*, 33(1), 52-56
- Maccoby, E., & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction in *Handbook of Child Psychology*, Vol. 4: Socialization, personality and social development (4th ed). New York: John Wiley & Sons.
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-indivuação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas
- Mahler, M., Pine, F. & Bergman, A. (1975). *The Psychological Birth of the Human Infant: Symbiosis and Individuation*. Hutchinson & Co. Lda. London. Acesso em 28 de Março, 2013 em http://books.google.pt/books/about/The_Psychological_Birth_Of_The_Human_Infant.html?id=2kL9sbknSc8C&redir_esc=y
- Marcelli, D. & Braconnier, A.: (2005). *Adolescência e psicopatologia*. Lisboa: Climepsi
- Marcelli, D. (2002). *Os estados depressivos na adolescência* (O. Santos, trad.). Lisboa

- Maroco, J. (2007). *Análise estatística: com utilização do SPSS*. (2ª ed.) Lisboa : Edições Sílabo, Lda.
- Masten, A. S., Burt, K., Roisman, G. I., Obradović, J., Long, J. D., & Tellegen, A. (2004). Resources and resilience in the transition to adulthood: Continuity and change. *Development and Psychopathology*, 16, 1071-1094
- Matos, M. (2005). *Adolescência: Representação e psicanálise*. Lisboa: Climepsi
- McClanahan, G. & Holmbeck, N., G. (1992). Separation-Individuation, Family Functioning, and Psychological Adjustment in College Students: A Construct Validity Study of the Separation-Individuation Test of Adolescence. *Journal of Personality Assessment*, 59 (3), 468-485. Acesso em 28 de Dezembro, 2012, da base de dados EBSCO Host
- McCurdy, S. J., & Scherman, A. (1996). *The effects of family structure on the adolescent separation-individuation process*. *Adolescence*, 31, 307-319. Acesso em 3 de Abril, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Meeus, W., Iedema, J., Maassen, G., & Engels, R. (2005). Separation-individuation revisited: On the interplay of parent-adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28(1). Acesso em 19 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Minuchin, S., Montalvo, B., Guerney, B. G., Rosman, B. L., & Schumer, F. (1967). *Families of the slums: An exploration of their structure and treatment*. New York: Basic Books
- Morais, E., & Eidt, O. (1999). Conhecendo para evitar : A negligência nos cuidados de saúde com crianças e adolescentes. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 20, 6-21. Acesso em 29 de Janeiro, 2013 em <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/23452/000265919.pdf>
- Niec, L. & Russ, S. (2002). Children's internal representations, empathy, and fantasy play: A validity study of the SCORS-Q. *Psychological Assessment*, 14, 331-338.
- Nishikawa, S., Sundbom, E., & Hägglöf, B. (2010). Influence of perceived parental rearing on adolescent self-concept and internalizing and externalizing problems in Japan. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 57-66. Acesso em 27 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Oliveira, L. L. (2004). *Padrões disfuncionais de interação em famílias de adolescentes com anorexia nervosa*. Tese de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Acesso em 20 de Janeiro, 2013 em

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13412/000648831.pdf?sequence=1>

- Pereira, A., Canavarro, M., Mendonça, D., Cardoso, M.F. (2009). Patterns of parental rearing styles and adjustment among school-aged Portuguese children. *Journal of Child and Family Studies*, 4, 454-464. Acesso em 3 de Abril, 2013 em <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/10244/1/patterns%20parental%20rearing%20styles.pdf>
- Perris, C.; Jacobsson, L.; Linndström, H.; Knorring, L.; Perris, H. (1980). Development of a new inventory for assessing memories of parental rearing behavior. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, Vol 61(4), 265-274
- Piccinini, C.A., Frizzo, G.B., Alvarenga, P., Lopes, R.S. & Tudge, J. (2007). Práticas educativas de pais e mães de crianças aos 18 meses de idade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(4), 369-378. Acesso em 27 de Março, 2013 em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n4/02.pdf>
- Plunkett, S.W., Henry, C.S., Robinson, L.C., Behnke, A. & Falcon III, P.C. (2007). Adolescent perceptions of parental behaviors, adolescent self-esteem, and adolescent depressed mood. *Journal of Children and Family Studies*, 16, 760-772
- Rosenberg, M. (1965). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton
- Salvador, A. P. V. & Weber, L. N. D. (2005). Práticas educativas parentais: um estudo comparativo da interação familiar de dois adolescentes distintos. *Interação em Psicologia*, 10 (2), 341-353
- Saraiva, L., & Matos, P. (2012). Separation-individuation of Portuguese emerging adults in relation to parents and to the romantic partner. *Journal Of Youth Studies*, 15(4), 499-517. Acesso em 19 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Siegal, M. (1987). Are sons and daughters treated more differently by fathers than by mothers?. *Developmental Review*, 7, 183-209
- Smith, C.L., Calkins, S.D., Keane, S.P., Anastopoulos, A.D., & Shelton, T.L. (2004). Predicting stability and change in toddler behavior problems: contributions of maternal behavior and child gender. *Developmental Psychology*, 40(1), 29-42. Acesso em 4 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Smith, P., Cowie, H., & Blades, M. (1998). *Compreender o desenvolvimento da criança*. Lisboa: Instituto Piaget

- Smolak, L. & Levine, M. P. (1993). Separation-individuation difficulties and the distinction between bulimia nervosa and anorexia nervosa in college women. *International Journal of Eating Disorders*, Vol. 14, n.º 1, 33-41. Acesso em 27 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Soenens, B., & Vansteenkiste, M. (2010). A theoretical upgrade on the concept of parental psychological control: proposing new insights on the basis of selfdetermination theory. *Developmental Review*, 30, pp. 74–99
- Solomonica-Levi, D., Yirmiya, N., Erel, O., Samet, I. & Oppenheim, D. (2001). The associations among observed maternal behaviour, children’s narrative representations of mothers, and children’s behaviour problems. *Journal of Social and Personal Relationships*, 18, 673-690
- Spera, C. (2005) A Review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review*, 17, 125-146. Acesso em 28 de Janeiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Spitz, R. (1981). *El primer año de vida del niño*. (Trad. Manuel de la Escalera) (7ªed.). México: Fondo de Cultura Económica (Obra original do Inglês The First Year of Life, 1965)
- Steinberg, L., & Silverberg, S. B. (1986). The vicissitudes of autonomy in early adolescence. *Child Development*, 57(4), Acesso em 4 de Março, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Weber, L., Viezzer, A., & Brandenburg, O. (2004). O uso de palmadas e surras como prática educativa. *Estudos de Psicologia*, 9(2), 227-237
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra original em Inglês 1971)
- Wood, J. J. (2006). Parental intrusiveness and children’s separation anxiety in a clinical sample. *Child Psychiatry and Human Development*, 37, 73–87. Acesso em 23 de Fevereiro, 2013, da base de dados EBSCO Host
- Youniss, J. & Smollar, J. (1985) *Adolescent relations with mothers, fathers, and friends*. Chicago: University of Chicago Press. Acesso em 30 de Março, 2013 em http://books.google.pt/books/about/Adolescent_Relations_with_Mothers_Father.html?id=n3c54lXVp7MC&redir_esc=y
- Zilbach, J.J. (1993). Female Adolescence: Toward a Separate Line of Development. In Sugar (Ed.), *Female Adolescence and Development*. (pp. 45-61). New York: Brunner Mazel

ANEXOS

ANEXO I – Declaração de Consentimento Informado

Lisboa,... de.... de 2013

Exmo (A). Senhor (a) Encarregado de Educação:

No âmbito da investigação “**O processo de separação-individação e a percepção das práticas parentais na adolescência**”, sob a orientação da Prof. Doutora Constança Biscaia, no contexto da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde (Secção de Psicologia Dinâmica), da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, solicito a sua autorização para que o seu educando/a possa colaborar através do preenchimento de 3 questionários, cujo tempo de realização é, em média, quarenta e cinco minutos. Estes pretendem medir as consequências do processo de separação-individação e a forma como se relacionam com as dinâmicas relacionais na adolescência. O primeiro questionário (Questionário Sociodemográfico) tem como objetivo a recolha de informação que permita caracterizar a amostra do estudo. O segundo questionário (SITA) é constituído por um conjunto de afirmações respeitantes a características e traços pessoais, nas quais o seu educando/a deverá decidir se concorda ou discorda. O terceiro questionário (EMBU-A) integra um conjunto de questões referentes a comportamentos parentais que devem ser respondidas de acordo com a frequência dos mesmos.

Os dados recolhidos no decorrer do estudo são totalmente confidenciais e serão apenas utilizados para fins de análise estatística. Não será registada qualquer informação pessoal identificativa dos participantes, garantindo-se o anonimato dos mesmos. A participação do seu educando/a na presente investigação é voluntária e nesse sentido este poderá desistir a qualquer momento.

Se pretende receber informação relativa aos resultados da investigação, peço que a solicite para o seguinte endereço de email (joanaprmorais@gmail.com).

Agradeço desde já a colaboração do seu educando/a

Com os melhores cumprimentos,

Joana Patrícia Rodrigues Morais

Eu, _____, abaixo assinado, declaro que fui informado acerca da investigação com o tema “**O processo de separação-indivuação e a perceção das práticas parentais na adolescência**” e, que autorizo a participação do meu educando/a na investigação, conduzida Joana Morais do Mestrado Integrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Observações: _____

_____ de _____ de 2013,

ANEXO II – Questionário Sociodemográfico

Este questionário destina-se à investigação no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde (Secção de Psicologia Dinâmica) na Faculdade de Psicologia na Universidade de Lisboa, com o tema “**O processo de separação-individação e a percepção das práticas parentais na adolescência**” a ser realizada por Joana Morais. Os dados recolhidos são totalmente confidenciais e serão apenas utilizados para fins de investigação.

Data de preenchimento: __/__/____

Data de nascimento: __/__/____

Idade: _____

Sexo: F M

Ano de escolaridade: _____

Já reprovaste? Sim Não

Se respondeste sim, indica o número de anos reprovados: _____

Agregado familiar:

Vives com ambos os pais: Sim Não

Vives só com a mãe: Sim Não

Vives só com o pai: Sim Não

Os teus pais são divorciados: Sim Não

Pai

Idade: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

Mãe

Idade: _____

Profissão: _____

Escolaridade: _____

ANEXO III – Teste de Separação-Individuação para a Adolescência (SITA)

QUESTIONÁRIO DE SEPARAÇÃO - INDIVIDUAÇÃO NA ADOLESCÊNCIA

SITA (Levine, 1993)

Versão de Ana de Oliveira e Sousa*, Constança Machado** e Vânia Pereira Branco*

Este questionário destina-se a um estudo sobre o desenvolvimento dos adolescentes e dos jovens adultos e é constituído por um conjunto de afirmações que descrevem sentimentos, atitudes e comportamentos que as pessoas têm.

Lê cada afirmação e assinala com um círculo a opção de resposta que consideras estar mais de acordo contigo:

- 1 – Concordas totalmente**
- 2 – Concordas**
- 3 – Não concordas nem discordas**
- 4 – Discordas**
- 5 – Discordas totalmente**

Por favor responde com sinceridade a todas as questões. Não há respostas certas ou erradas.

Este questionário é confidencial e anónimo, sendo as tuas respostas usadas apenas para fins de investigação.

* Doutoranda do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora

** Docente do Departamento de Psicologia da Universidade de Évora

ANEXO IV – Subescalas do Teste de Separação-Individuação (SITA)

PRÁTICAS DE ESPELHO

- 72. Frequentemente sinto que aqueles que estão em meu redor me admiram.
- 68. As outras pessoas são facilmente impressionadas por mim.
- 81. As outras pessoas parecem impressionar-se com as minhas capacidades.
- 57. Mesmo quando não o dizem, às vezes eu consigo perceber, pelo seu olhar, que os outros me admiram.
- 75. Sinto-me especial comparativamente com outras pessoas.
- 39. Sinto que há pessoas que me admiram e me respeitam.
- 62. Às vezes as pessoas ficam surpreendidas com as minhas capacidades.
- 76. No meu grupo de amigos sou frequentemente o centro das atenções.
- 33. Às vezes surpreendo-me com as minhas próprias capacidades e talentos.
- 71. Agrada-me muito saber que os outros me acham fisicamente atraente.
- 30. Tendo em conta a maior parte das pessoas que conheço, considero-me melhor que elas.
- 78. Geralmente recebo apreciações positivas de outras pessoas relativamente ao que sentem por mim.
- 18. Normalmente, quando faço qualquer coisa com os meus amigos, ajo como um líder.
- 13. Gosto particularmente de observar o meu corpo no espelho.
- 2. Às vezes sinto-me tão poderoso/a que parece que não existe dificuldade que me seja difícil de ultrapassar.

NEGAÇÃO DE DEPENDÊNCIA

- 23. Não consigo sentir que o amor ocupe grande lugar na minha vida.
- 79. Não consigo sentir muita necessidade de amizades próximas com outros.
- 52. Não preciso verdadeiramente de ninguém.
- 12. Não percebo o objectivo das relações calorosas e afectivas.
- 41. A amizade não vale o esforço que requiere.
- 28. Estar próximo de alguém é desconfortável.
- 48. Penso que é ridículo quando as pessoas choram no fim de um filme emotivo.
- 58. Não gosto verdadeiramente de ninguém.

84. Os meus planos pessoais são mais importantes que os meus relacionamentos.
27. Sinto que as outras pessoas interferem com a minha capacidade de resolver as coisas à minha maneira.
16. Tenho um melhor desempenho quando estou sozinho e não tenho outras pessoas à minha volta a aborrecerem-me.
35. A minha vida está preenchida sem grandes amigos.

ANSIEDADE DE SEPARAÇÃO

21. Preocupo-me, frequentemente, com o facto de poder ser rejeitado/a pelos meus amigos.
80. Preocupo-me com o facto de não ter aprovação dos meus professores.
65. À noite, antes de dormir, às vezes sinto-me sozinho/a e desejo que esteja alguém por perto para conversar ou apenas estar ali comigo.
47. Sinto-me dominado ou controlado pelas pessoas à minha volta.
4. Frequentemente não percebo o que é que as pessoas pretendem numa relação próxima comigo.
3. A ideia de estar sozinho/a assusta-me muito.
8. Preocupo-me muito com a morte.
74. Assusta-me a ideia de ir a uma grande festa onde possa não conhecer ninguém.
86. Ficaria preocupado se descobrisse que um professor meu estava zangado ou desiludido comigo.
24. Preocupo-me frequentemente que o meu namoro possa terminar.
44. A opinião dos professores acerca da minha pessoa é muito importante para mim.
37. Fico bastante preocupado/a que na próxima década possa haver uma guerra nuclear que destrua uma grande parte do mundo.
54. Quando penso nas pessoas que são mais importantes para mim, desejo poder estar mais com elas e ser emocionalmente mais próximo/a.
10. Às vezes penso como era bom ser criança, quando alguém cuidava das minhas necessidades.

APROXIMAÇÃO A PARES

40. Um dos meus amigos conhece-me tão bem que sinto que consegue ler os meus pensamentos.

46. Conheço tão bem alguns dos meus amigos que parece que consigo ler-lhes o pensamento.
20. Sinto-me tão confortável com pelo menos um amigo ao ponto de poder dizer-lhe todo o que eu sinto.
38. As minhas amizades tendem a ser do tipo "melhores amigos".
63. Quando sou verdadeiramente amigo/a de alguém é comum saberem os meus aspectos positivos e negativos.
29. Embora o/a meu/minha melhor amigo/a faça coisas que eu não gosto, continuo a preocupar-me muito com ele/a.
34. Penso em alguns dos meus amigos quando estou sozinho porque sinto a sua falta.
42. Embora goste de me dar bem com os meus amigos, se eu não concordar com algo que eles façam, sinto-me à vontade para lhes dizer.

ANSIEDADE DE APROXIMAÇÃO

61. Sinto que os meus pais restringem em demasia a minha liberdade.
1. Às vezes os meus pais são tão sobreprotectores que me fazem sentir sufocado.
85. Estou desejoso/a de deixar de estar sob as regras dos meus pais.
6. Mal posso esperar pelo dia em que irei morar por minha própria conta e estar livre dos meus pais.
59. Os meus pais exercem uma forte vigilância sobre as minhas saídas e os locais que frequento.
31. Frequentemente sinto-me revoltado/a em relação às coisas que os meus pais me dizem para fazer.
9. A maior parte dos pais são controladores e não querem que os seus filhos cresçam.

PROCURA DE CUIDADOS

50. Acredito que Deus olha por mim e me protege do perigo.
67. Deus conhece a minha vida, irei onde ele me guiar.
19. Sinto-me sozinho/a quando estou longe dos meus pais, durante demasiado tempo.
77. Preferia os primeiros anos de vida, quando podia confiar mais nos meus pais para me orientarem de modo a progredir.
82. Gostaria de viver sempre na mesma cidade que os meus pais e irmãos de modo a que possamos passar muito tempo juntos.

10. Às vezes penso como era bom ser criança, quando alguém cuidava das minhas necessidades.

53. Preocupo-me bastante com a possibilidade de um dos meus pais morrer.

14. Um dos meus pais conhece-me tão bem, que na maioria das vezes sabe o que é que eu estou a pensar.

APROXIMAÇÃO A PROFESSORES

56. Um dos meus professores preferidos tem uma personalidade espantosamente parecida com a minha.

60. Na escola tenho uma relação especial com um professor que vai além do típico laço professor-aluno.

49. Com o meu professor preferido posso partilhar alguns dos meus medos e preocupações mais íntimos.

83. Os meus professores aconselham-me sobre a minha vida social.

86. Ficaria preocupado se descobrisse que um professor meu estava zangado ou desiludido comigo.

32. Às vezes sinto-me muito triste por dizer adeus a um professor que realmente gosto.

80. Preocupo-me com o facto de não ter aprovação dos meus professores.

44. A opinião dos professores acerca de mim como pessoa é muito importante para mim.

SEPARAÇÃO SAUDÁVEL

11. Sou amigável com tipos de pessoas diferentes.

17. Mesmo quando tenho uma relação muito próxima com outra pessoa, sinto que posso ser eu mesmo/a.

36. Embora eu seja parecido em alguns aspectos com os meus amigos próximos, também somos diferentes noutros.

22. Os meus amigos e eu temos alguns interesses comuns e outros diferentes.

5. Sinto-me tão bem estando sozinho/a como com outras pessoas.

29. Embora o/a meu/minha melhor amigo/a faça coisas que eu não gosto, continuo a preocupar-me com dele/a.

42. Embora goste de me dar bem com os meus amigos, se eu não concordar com algo que eles façam, sinto-me à vontade para lhes dizer

EXPECTATIVA DE REJEIÇÃO

7. Às vezes parece que as pessoas me querem magoar.
15. Se contasse a alguém as minhas preocupações, provavelmente não as compreenderiam.
25. Os meus pais parecem muito mais preocupados com os seus próprios projectos do que com os meus.
26. Não poderei contar, mesmo com os meus melhores amigos, se realmente necessitar.
45. Os meus pais parecem muito desinteressados relativamente ao que se passa comigo.
51. Às vezes parece que os meus pais desejam nunca me terem tido.
55. É-me difícil confiar verdadeiramente em alguém.
64. Parece que ninguém me compreende.
66. Se eu me permitir aproximar emocionalmente de alguém, provavelmente saio magoado/a.
69. Às vezes parece que os meus pais realmente me odeiam.
70. Desde que não dependa de ninguém, não serei magoado/a.
73. Em casa, muitas vezes sinto que estou no "bom caminho".

ANEXO V – Questionário EMBU-A

EMBU-A

(Lacerda, 2005)

Idade _____ Sexo _____

Escola _____

Ano de escolaridade _____

Gostava de saber a tua opinião acerca dos comportamentos dos teus pais em relação a ti. Lê cuidadosamente as perguntas e considera a resposta que melhor se aplica ao teu caso. Responde separadamente colocando para cada questão um **X** num dos quadrados em frente ao **Pai** para avaliar o comportamento do teu pai e outro **X** num dos quadrados em frente à **Mãe** para avaliar o comportamento da tua mãe.

Indica apenas se:

Vives com ambos os pais: Sim Não

Vives só com a mãe: Sim Não

Vives só com o pai: Sim Não

Os teus pais estão divorciados: Sim Não

Outras situações não especificadas _____

Este questionário é confidencial

Obrigada pela tua participação.

ANEXO VI – Dimensões do Questionário EMBU-A

SUPORTE EMOCIONAL

2. Os teus pais demonstram que gostam de ti?
8. Mesmo quando fazes uma coisa estúpida, depois consegues fazer as pazes com os teus pais
9. Os teus pais abraçam-te?
15. Se a tua vida não corre bem, os teus pais tentam ajudar-te ou consolar-te?
18. Os teus pais demonstram interesse pelas tuas notas escolares?
19. Sentes que os teus pais te ajudam se tiveres que fazer alguma coisa difícil?
21. Sentes que os teus pais gostam de ti?
23. Os teus pais mostram claramente que gostam de ti?
24. Pensas que os teus pais têm a tua opinião em consideração?
25. Sentes que os teus pais gostam de estar contigo?
28. Sentes que os teus pais tentam que tenhas uma juventude feliz durante a qual possas aprender muitas coisas diferentes (Ex: livros, excursões, etc.)?
29. Os teus pais elogiam-te?
32. Se te sentes infeliz, podes contar com a ajuda e compreensão dos teus pais?
36. Os teus pais aceitam-te tal como tu és?
40. Os teus pais interessam-se pelos teus passatempos ou por aquilo que gostas de fazer?
44. Achas que eu e o teu pai/mãe gostam um dos outros?
45. Os teus pais permitem que tu tenhas uma opinião diferente da deles?
46. Se fazes uma coisa bem feita, sentes que os teus pais têm orgulho em ti?
48. Sentes que os teus pais demonstram que gostam de ti, por exemplo, abraçando-te?

SOBREPROTEÇÃO

1. Os teus pais interferem em tudo o que fazes?
6. Os teus pais pensam que tu tens de te esforçar para ires mais longe na vida?
12. Os teus pais proibem-te de fazeres coisas que os teus colegas estão autorizados a fazer, porque têm medo que te aconteça alguma coisa?
14. Os teus pais preocupam-se com o que tu fazes depois das aulas?

17. Se fizeres alguma coisa sem autorização, os teus pais reagem de tal modo que começas a sentir-te culpado?
22. Os teus pais pensam que tens de ser o melhor em tudo?
27. Tens de dizer aos teus pais o que estiveste a fazer quando chegas a casa?
30. Sentes-te culpado porque te comportas de um modo que os teus pais desaprovam?
31. Sentes que os teus pais têm expectativas muito elevadas em relação ao teu desempenho escolar, desportivo, etc.
43. Achas que os teus pais estão sempre com medo que te aconteça alguma coisa?

REJEIÇÃO

3. Os teus pais gostariam que fosses diferente?
4. Já te aconteceu os teus pais não falarem contigo durante algum tempo depois de fazeres alguma coisa errada?
5. Os teus pais castigam-te por coisas sem importância?
7. Pensas que os teus pais gostariam que fosses diferente?
10. Achas que os teus pais gostam mais dos teus irmãos ou irmãs do que de ti?
11. Sentes que os teus pais são mais injustos contigo do que com os teus irmãos?
13. Os teus pais humilham-te na presença de outras pessoas?
16. Os teus pais castigam-te mais do que tu mereces?
20. Os teus pais tratam-te como a “ovelha negra” da família?
26. Tens a sensação de que os teus pais não têm tempo para ti?
33. És castigado pelos teus pais mesmo quando não fizeste nada de errado?
34. Os teus pais dizem coisas desagradáveis a teu respeito a outras pessoas, por exemplo, que és preguiçoso ou difícil?
35. Quando acontece alguma coisa, os teus pais culpam-te?
37. Os teus pais alguma vez lidam contigo de um modo duro e pouco amigável?
38. Os teus pais castigam-te muito, mesmo por coisas sem importância?
39. Os teus pais já te deram uma bofetada sem razão?
41. Os teus pais batem-te?
42. Os teus pais tratam-te de maneira que te sentes inferiorizado?
47. Os teus pais já te mandaram para a cama sem comer?

ANEXO VII – *Output* da comparação múltipla das médias das ordens na dimensão Sobrepotção Paterna do EMBU-A

ANOVA

Rank of SobreP

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
Between Groups	13686,536	3	4562,179	2,812	,042
Within Groups	223886,464	138	1622,366		
Total	237573,000	141			

Multiple Comparisons

Dependent Variable: Rank of SobreP

LSD

(I) Idade	(J) Idade	Mean Difference (I-J)	Std. Error	Sig.	95% Confidence Interval	
					Lower Bound	Upper Bound
	15	32,251843*	13,832408	,021	4,90097	59,60271
14	16	21,989028	13,246117	,099	-4,20257	48,18062
	17	10,135101	13,876365	,466	-17,30268	37,57289
	14	-32,251843*	13,832408	,021	-59,60271	-4,90097
15	16	-10,262815	8,474641	,228	-27,01975	6,49412
	17	-22,116742*	9,429392	,020	-40,76151	-3,47197
	14	-21,989028	13,246117	,099	-48,18062	4,20257
16	15	10,262815	8,474641	,228	-6,49412	27,01975
	17	-11,853927	8,546200	,168	-28,75236	5,04450
	14	-10,135101	13,876365	,466	-37,57289	17,30268
17	15	22,116742*	9,429392	,020	3,47197	40,76151
	16	11,853927	8,546200	,168	-5,04450	28,75236

*. The mean difference is significant at the 0.05 level.